Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Tau Golin: O descompasso entre a realidade e o imaginário cultural

PÁGINA 08 | Mário Maestri: A erosão da ética republicano-castilhista

PÁGINA 11 | Maria Izabel Noll: "Somos mais iguais aos nossos concidadãos do que pensávamos"

PÁGINA 13 | Raul Pont: O processo de consolidação programática. Uma análise do sistema partidário gaúcho

PÁGINA 16 | Vitor Ramil: A "estética do frio" e a identidade rio-grandense

PÁGINA 18 | Márcia Lopes Duarte: A amplitude da identidade gaúcha

PÁGINA 20 | Luis Fernando Verissimo: "A idéia tradicional do gaúcho só sobrevive no sotaque dos atores da Globo"

PÁGINA 21 | Carlos Steil: O perfil religioso do povo gaúcho

PÁGINA 23 | Édison Gastaldo: Notas sobre o futebol gaúcho

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 25 | Eduardo Sterzi: Dante: um poeta extremamente autobiográfico

» Invenção

PÁGINA 30 | Ricardo Aleixo

» Destaques On-Line

PÁGINA 33 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Agenda de Eventos

PÁGINA 37| João Batista Libânio: Nas pegadas de Medellín, as opções de Puebla

» Perfil Popular

PÁGINA 40| Miguel Nunes e Silva

» IHU Repórter

PÁGINA 42| Walter Andrey Fontana

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do **Instituto Humanitas Unisinos**

A.

Tema de Capa

O descompasso entre a realidade e o imaginário cultural

Para o jornalista Tau Golin, não se deve comemorar modelos como o do castilhismo, conduzido por práticas caudilhescas e tendo a fraude como prática

Por Graziela Wolfart

João Vicente Ribas

Ao analisar a crise política gaúcha a partir das bases históricas e culturais do estado do Rio Grande do Sul, o jornalista Luiz Carlos Tau Golin identifica atualmente uma "esfera política mais realista". E explica sua posição: "Atualmente, com as instituições mais transparentes, com uma idéia do público, parece estarmos em um processo decadente, quando, na verdade, o que está ocorrendo é um fenômeno mais distinto entre o público e o privado, sem que o poder possa controlar mais absolutamente os meios de divulgação. Em especial, com a internet, aquilo que se tinha como 'os eventos', as 'fontes', ou simplesmente 'as minorias' puderam multiplicar seus discursos e chegarem ao público. O que o Rio Grande do Sul teve foi a ascensão de outros representantes políticos, perdendo a exclusividade do poder econômico e intelectual nos parlamentos e executivos. Essa democratização incluiu quadros nem sempre afeitos aos rituais, aos salamaleques hipócritas dos poderes". Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Tau Golin afirma ainda que "a configuração dos partidos contemporâneos, seus tipos humanos, de militância profissional de amplas camadas advindas de organizações subalternas, sem erudição política, talvez seja um dos elementos da crise aliada à falta de propositura histórica para o conjunto da população pelas elites tradicionais, carreiristas e acadêmicas, que não incorporaram em seus projetos plataformas 'de destino coletivo'".

Graduado em História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tau Golin é mestre em História do Brasil, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e doutor em História, pela mesma instituição. É também mestre em navegação pela Marinha do Brasil e professor de vela pela International Sailing Federation (Federação Internacional de Vela). Atualmente, é professor da Universidade de Passo Fundo. Tem experiência em editoração e nas áreas de Comunicação e de História, com ênfase em História Regional Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: tradicionalismo, gauchismo, revolução farroupilha, guerra guaranítica, regionalismo, fronteiras, geopolítica do Prata, mídia, cultura e história comparada da navegação. É autor de, entre outros, *A ideologia do gauchismo* (4. ed. Porto Alegre: Tchê!, 1983), *Por baixo do poncho: contribuição à crítica da cultura gauchesca* (Porto Alegre: Tchê!, 1987) e *O povo do pampa* (Porto Alegre: Sulina; Passo Fundo: UPF Editora, 1999). É um dos autores do "Manifesto contra o Tradicionalismo", reflexões sobre o movimento tradicionalista na sociedade gaúcha. O texto do manifesto pode ser consultado no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), nas *Notícias do Dia* de 16-04-2007, no qual se encontra também uma entrevista sobre o tema com o jornalista Tau Golin.

IHU On-Line - Pensando na identidade do povo gaúcho, o que emerge da crise política que estamos vivendo? A imagem de retidão que o Rio Grande do Sul sempre carregou está colocada em xeque?

Tau Golin - Tenho a impressão que a imagem está se adequando à realidade. As elites políticas do Rio Grande do Sul sempre souberam aparecer ao povo como entes emblemáticos, como tipos especiais, defensores do passado e condutores ao futuro. Historicamente, a profunda clivagem da oligarquia produziu, no mínimo, três guerras civis sanguinárias, sem que as convenções de honra tivessem muito espaço. Sem contar as escaramuças, atos de banditismo e violência. A degola constituiu o emblema do arrivismo rio-grandense. No entanto, senhores da educação, da cultura e, mais tarde, dos meios de comunicação, sempre se auto-representaram como figuras da moralidade, como tipos diferentes do restante do Brasil; especialmente do Nordeste execrado. As elites do Sul exorcizaram as demais em uma trama muito bem urdida para construir suposta moralidade pessoal e das instituições que

criaram. Quanto pior os outros eram pintados, mais "nobres" seriam...

Tudo isso sempre foi um jogo de cena para consumo interno. As elites sulinas estiveram no cenário nacional e, no interno, nunca deixaram de cometer barbaridades, usarem o poder e transitarem entre o público e o privado como se fossem espaços exclusivos de seus interesses. Atualmente, com as instituições mais transparentes, com uma idéia do público, parece estarmos em um processo decadente, quando, na verdade, o que está ocorrendo é um fenômeno mais distinto entre o público e o privado, sem que o poder possa controlar mais absolutamente os meios de divulgação. Em especial, com a internet, aquilo que se tinha como "os eventos", as "fontes", ou simplesmente "as minorias", puderam multiplicar seus discursos e chegarem ao público. O que o Rio Grande do Sul teve foi a ascensão de outros representantes políticos, perdendo a exclusividade do poder econômico e intelectual nos parlamentos e executivos. Essa democratização incluiu quadros nem sempre afeitos aos rituais, aos salamaleques hipócritas dos poderes. A esfera política ficou mais realista...

IHU On-Line - A forma de fazer política no Rio Grande do Sul ainda guarda resquícios da tradição histórica castilhista? Como entender que chegamos a uma crise política como a atual após termos formado tantas grandes lideranças nacionais?

Tau Golin - O castilhismo, em muitos aspectos, foi um movimento modernizador conduzido por práticas caudilhescas (quando não pelo banditismo). A fraude foi a sua prática. Não me parece que se deva comemorar tais modelos. A intolerância, com práticas violentas, foi a tônica da República Velha, de onde foram retiradas as figuras emblemáticas para comemoração, os modelos propagandeados pela mídia. O estado ainda possui, de certa forma, um imaginário de antagonismo chimango-maragato[1]. Esta bipolaridade não diz mais nada, é um certo saudosismo escapista. As forças modernizadoras coercitivas do passado deveriam ser substituídas por partidos dirigidos por estadistas, com pessoas capazes de certo pragmatismo esclarecido. Entretanto, a configuração dos partidos contemporâneos (seria impróprio para eles o conceito de "moderno"), seus tipos humanos, de militância profissional de amplas camadas advindas de organizações subalternas, sem erudição política, talvez seja um dos elementos da crise aliada à falta de propositura histórica para o conjunto da população pelas elites tradicionais, carreiristas e acadêmicas, que não incorporaram, em seus projetos, plataformas "de destino coletivo". Basta olhar os senhores e senhoras do poder para não se esperar algo transcendental, pois, como rebentos dos modelos existentes, são incapazes do fogo da moralidade e da convivência, são acéfalos de utopia. Existe uma lógica de resultado e compensação chancelada pelo clientelismo. Ou seja, o "democratismo" funciona pelos postos de controle dos votos e não pela qualidade dos programas. É uma ditadura aritmética, de domínio dos subalternos, dos medíocres e dos corruptos. É como se as posições já estivessem preestabelecidas, sem muita margem para outras alternativas, sem segmentos políticos que pudessem mudar o jogo.

IHU On-Line - A partir das concepções do tradicionalismo e do gauchismo, como os gaúchos e gaúchas sentem-se em seu estado hoje, considerando as transformações recentemente ocorridas, de forma geral?

Tau Golin - Estão em êxtase! A crise fortalece os modelos hipotéticos e dogmáticos. Enfim, os caudilhos ressuscitaram e estão entre nós como ícones. Com o sentimento de falência, podem ser venerados nos oratórios da tradição como tipos ideais. Toma-se o discurso pela realidade e, assim, segue o Rio Grande, altivo, orgulhoso, cultuando arquétipos inventados e sem qualquer influência concreta na complexidade do mundo contemporâneo, exceto como artefato da indústria cultural.

IHU On-Line - Como entender que a maioria dos gaúchos aprovou a atitude do vice-governador, Paulo Feijó[2]?

Tau Golin - Talvez o desejo de transparência não considere muito os aspectos éticos. Se entre aliados a coisa corre desse modo... A população está movida pelo sentimento iconoclasta. Quer ver o poder pegar fogo. Isto está conduzindo a uma maioria apolítica, o que é muito perigoso, pois as sociedades modernas precisam mediar suas contradições na esfera política.

IHU On-Line - Qual é a sua opinião sobre a estrutura político-partidária do Rio Grande do Sul hoje, considerando as alianças que têm ocorrido entre alguns partidos?

Tau Golin - Os partidos estão tomados por indivíduos médios e, invariavelmente, incultos, mas dotados de uma ambição tremenda, com um faro carreirista e um cálculo oportunista impressionante. Eles conseguiram criar cargos que contemplam grande parte dos militantes e corporativistas partidários. Enquanto não se evoluir para um estado profissional, com planos de carreiras e critérios de responsabilização, os poderes permanecerão demasiadamente partidarizados, com lógica perversa. O dilema é que os partidos consideram que somente conseguem governar com os militantes, que o funcionalismo não é confiável, isto porque os "funcionários", em grande medida, foram indicados partidariamente. São cabos eleitorais empregados, dispostos

1 **Maragatos**: nome dado aos sulistas que iniciaram a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul em 1893, em protesto à política exercida pelo governo federal representada na província por Julio de Castilhos. Os maragatos eram identificados pelo uso de um lenço vermelho no pescoço. Seus antagonistas eram chamados no Rio Grande do Sul de Chimangos, comparando-os à ave de rapina. O lenço branco identificava o pica-pau e o chimango. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Paulo Feijó**: vice-governador do estado do Rio Grande do Sul, foi o protagonista da crise que atinge o governo gaúcho de Yeda Crusius (PSDB), com denúncias de desvio de dinheiro público para o financiamento de campanhas políticas. O vice-governador divulgou gravações feitas por ele com membros do secretariado em que dizia discordar do suposto esquema montado no Estado. Feijó gravou um encontro que teve com o ex-chefe da Casa Civil do Estado, Cézar Busatto (que deixou o cargo após o escândalo), em que este dizia que o PP se beneficiaria de financiamentos ilegais do Detran. Sobre a forma com que fez a gravação, Feijó havia afirmado: "Ético ou não, eu a fiz para me proteger em mais uma tentativa de cooptação. Não posso aceitar práticas mafiosas dentro do governo". (Nota da **IHU On-Line**)

a minar as medidas de governo quando não são de seus correligionários. Como os órgãos públicos estão partidarizados, são partilhados pelos partidos, isso provoca também um efeito devastador no funcionalismo de carreira, pois os planos, os cargos, as chefias, as recompensas invariavelmente não seguem critérios normativos. Tudo isso conduz a uma baixa consciência sobre o "público", de visão estratégica de Estado, que passa a ser algo intermediário, um espaço a ser usado para outros interesses.

IHU On-Line - Como a mídia gaúcha e nacional tem contribuído para o sentimento de crise que assola o povo gaúcho?

Tau Golin - A mídia local é xenófoba. Publicizar a crise parece ser uma vergonha, quase uma traição ao Rio Grande. Ao invés de debater seriamente a crise, existe o amaldicionamento daqueles que levantam os problemas, como se fosse algo que tivesse que ser tratado em âmbito privado, apenas por alguns pretensos "iluminados". Aqueles que tocam nas dificuldades do estado são execrados. As "nossas coisas" são intocáveis, no jargão cotidiano. Existe um discurso de estado sacralizado, que produz a maldição daqueles que discutem seus dilemas mais radicalmente, apontando questões estruturais.

IHU On-Line - Quais são as origens históricas para entender o Rio Grande do Sul hoje?

Tau Golin - O sentimento de decadência gaúcha tem sua origem nos anos 1950. O último grande pacto sulino ocorrera na revolução de 1930. A realidade pré-ditadura militar era de profunda clivagem. Os anos de chumbo, sob os coturnos dos generais gaúchos, aprofundou a separação dos dois blocos, radicalizou a impossibilidade de consensos. A bipartidarização aprofundou o abismo entre os dois blocos. Acentuou-se aí um sentimento de que as elites não eram capazes de utilizarem as potencialidades, as excelências de povo e território. O êxodo das populações mandadas para as fronteiras agrícolas, em especial, significou a inexistência de soluções internas. Teve a força de uma sentença, a de que o Rio Grande era incapaz de dar um destino ao conjunto do povo. É curioso que a impotência ampliou os delírios gauchescos, a xenofobia de uma grandeza que passou a desprezar o restante do país, em especial um ódio destinado a São Paulo e ao Nordeste.

Chegando aos dias atuais, o Rio Grande do Sul começa a pagar o preço pelo descompasso entre a realidade e o seu imaginário cultural. A representação dominante funciona como uma espécie de ilusão que impede a consciência sobre o seu tempo. Produziu-se a contradição de uma hegemonia identitária tradicional em uma sociedade moderna em muitos aspectos, integrada ao capitalismo internacional, com agronegócios e industrialização pesada e grande movimentação de capitais. Este universo possui dificuldades que necessitam de linguagens, metodologias adequadas aos seus fenômenos. Mas as elites ainda olham para o estado como se fosse uma estância e estivessem montados sobre um cavalo.

Para muitos, a crise ainda está circunscrita a uma matriz histórica, tradicional. Não compreendem a sua amplitude e aspectos globalizantes. Eu diria que, de certo modo, o espectro identitário tradicional, hoje transformado em indústria cultural, reproduzindo-se fora do mundo concreto, provoca uma ilusão coletiva e dificulta a escolha de alternativas. Este imaginário transformou-se em dissimulador da sociedade real. É mais um complicante da crise, pois toma-se um Rio Grande fictício como paradigma, quando a metodologia mais eficiente para o planejamento pressupõe o diagnóstico realista, a percepção concreta da realidade.

Talvez o exemplo mais contundente disso seja a oficialização de uma cultura tradicionalista sustentada por funcionários públicos e por verbas públicas, convertendo-se em civismo imposto ao conjunto da sociedade. Seria como dizer que os gestores estão fora do mundo, sua utopia, sua idealização social está no passado. Uma das condições intransponíveis para qualquer projeto é contar com um estado que opere como nova força transformadora, de superação e construção do futuro. A partidarização do estado e o civismo dominado pela tradicionalidade transformaram-se em amarras poderosas.

Não existe perspectiva animadora fora de um estado profissional, com um funcionalismo de carreira e responsabilizado pelas suas ações. A partidarização da máquina pública, aliada à terceirização dos serviços, é a progenitora da corrupção. De outro lado, dentro do marco da globalização e das disputas inter-regionais, qualquer movimento de destino, de qualidade de vida, depende de programas consensuais entre os partidos e as forças econômicas. Pelos últimos acontecimentos, consensos não estão no horizonte político. O pessimismo continua...

Baú da IHU On-Line

>> Confira outras edições sobre o gaúcho e o Rio Grande do Sul no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

* *Ser Gaúcho em tempos de globalização*. Edição 35, de 16-09-2002;
* *A invenção do gaúcho*. Edição 75, de 15-09-2003;
* *Júlio de Castilhos: um centenário*. Edição 78, de 06-10-2003;
* *Leonel de Moura Brizola*. 1922-2004. Edição 107, de 28-06-2004;
* *Getúlio*. Edição 112, de 23-08-2004;
* *A Era Vargas em questão*. 1954-2004. Edição 111, de 16-08-2004.

>> Confira outras publicações do IHU sobre o tema no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu)

* **Cadernos IHU Idéias** número 08, de 07-10-2003, intitulado *Simões Lopes Neto e a invenção do gaúcho*;
* **Cadernos IHU Idéias** número 87, de 01-10-2007, intitulado *Gauchismo, tradição e tradicionalismo*.

>> Confira mais entrevistas sobre a crise política gaúcha no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu)

* *Rio Grande do Sul: "Existe uma crise de legitimidade"*. Entrevista especial com Eduardo Carrion, publicada em 22-06-2008;
* *"O Rio Grande do Sul não é uma ilha sem corrupção dentro do Brasil"*. Entrevista especial com André Marenco, publicada em 14-06-2008;
* *Sérgio Borja: Governo Yeda Crusius: crise pode levar ao impeachment?*, publicada em 16-06-2008;
* *"Há muita demagogia sobre a honestidade política das elites rio-grandenses"*. Entrevista especial com Mário Maestri, publicada em 17-06-2008.

A erosão da ética republicano-castilhista

Ao contrário da maior parte do Brasil, o Sul conheceu verdadeira brecha colonial-camponesa na ordem latifundiária, o que, para Mário Maestri, ensejou uma sociedade, ao menos no início, tendencialmente democrática

Por Graziela Wolfart

"A crescente subjunção da economia sulina ao grande capital global, e a dissolução do tecido socioeconômico tradicional rio-grandense, no contexto de grande fragilidade do movimento social, erodiram objetiva e subjetivamente o que poderíamos chamar de ética republicano-castilhista, equiparando as práticas políticas regionais às do resto do Brasil. Agora, faz-se política para enriquecer, legal ou, mais e mais, ilegalmente." A opinião é do historiador gaúcho Mário Maestri, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Ele ainda afirma que a "identidade inventada" do gaúcho "sufoca as identidades nascidas das experiências sociais profundas, como as do mundo do trabalho urbano, rural, servil etc.".

Mário Maestri é graduado em Ciências Históricas, pela Université Catholique de Louvain, na Bélgica, onde também realizou mestrado e doutorado na mesma área. Em 1991, fez o pós-doutorado na mesma universidade. Atualmente, é professor da Universidade de Passo Fundo. É autor de *Uma história do Rio Grande do Sul: a ocupação do território* (Passo Fundo: UPF Editora, 2006), *O escravo no Rio Grande do Sul: trabalho, resistência, sociedade* (Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006) e *Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário* (São Paulo: Expressão Popular, 2007), entre outros.

IHU On-Line - Podemos perceber elementos da trajetória histórica da política gaúcha na crise do governo do estado rio-grandense?

Mário Maestri - Ao contrário do resto do Brasil, no Rio Grande do Sul, a República promoveu o defenestramento das oligarquias pastoris por um novo bloco pró-capitalista castilhista-borgista que literalmente refundou o estado regional, em um processo já definido como verdadeira "revolução passiva", no sentido gramsciano. Ou seja, realizou reforma democrático-burguesa — controlada, conservadora e limitada — da sociedade, à margem da participação popular. Um processo possível devido à diversificação crescente, desde 1824, do perfil socioeconômico latifundiário-pastoril, devido à ação de dinâmica colonização de pequenos camponeses proprietários. Este processo ensejou uma gestão político-administrativa regional diferenciada dos estados dominados pela oligarquia agrária.

IHU On-Line – Qual é o espaço e o papel da ética política no Rio Grande do Sul de hoje?

Mário Maestri - Como assinalado, ao contrário da maior parte do Brasil, o Sul conheceu verdadeira brecha colonial-camponesa na ordem latifundiária. O que ensejou sociedade, ao menos no início, tendencialmente democrática, onde praticamente todos os colonos-camponeses possuíam terra para trabalhar com seus braços. A economia, a disciplina e o respeito ao cidadão eram valores dessa sociedade apoiada na produção familiar, que valorizava o trabalho individual, abominado pelo escravismo oligárquico. A própria industrialização sulina nasceu, sobretudo, de pequenas unidades familiares. Esses valores plebeus determinaram e influenciaram o comportamento político. Grandes políticos republicanos, como Júlio de Castilhos[1], Borges de

1 **Julio de Castilhos** (1860-1903): político gaúcho. Em 15 de julho de 1891, foi eleito presidente do estado do Rio Grande do Sul. Com a queda de Deodoro da Fonseca, foi deposto em 3 de novembro do mesmo ano. Pouco mais de um ano depois, Júlio de Castilhos disputa uma eleição (sem concorrentes) e volta a ocupar o antigo posto. Empossado em 1893, contém a Revolução Federalista, de tendência parlamentarista e liderada por Gaspar Silveira Martins. Sobre Júlio de Castilhos, confira o número 14 dos **Cadernos IHU Idéias**, intitulado *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS*, de autoria de Gunter Axt, ano 2003 e a **IHU On-Line** número 78, de 06-10-2003. (Nota da **IHU On-Line**)

Medeiros[2], Getúlio Vargas[3] e Leonel Brizola[4], foram acusados — e não sem razão — de enorme apego ao poder, mas jamais foram taxados de desonestos. A crescente subjunção da economia sulina ao grande capital global, e a dissolução do tecido socioeconômico tradicional rio-grandense, no contexto de grande fragilidade do movimento social, erodiram objetiva e subjetivamente o que poderíamos chamar de ética republicano-castilhista, equiparando as práticas políticas regionais às do resto do Brasil. Agora, faz-se política para enriquecer, legal ou, mais e mais, ilegalmente.

2 **Borges de Medeiros** (1863-1961): político gaúcho. Foi presidente do Rio Grande do Sul, indicado por Júlio de Castilhos e procurou dar continuidade ao projeto político do castilhismo, do qual foi um dos maiores representantes e fiel executor do positivismo. Manteve-se no poder de 1898 até 1928 e sua única interrupção como governante ocorreu no qüinquênio de 1908-1913. Sobre Borges de Medeiros, confira o número 14 dos **Cadernos IHU Idéias**, intitulado *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS*, de autoria de Gunter Axt, ano 2003. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Getúlio Dornelles Vargas** (1882-1954): político gaúcho. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio, o IHU promoveu o Seminário Nacional A Era Vargas em Questão – 1954-2004, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. A revista **IHU On-Line** publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16 de agosto de 2004, intitulada *A Era Vargas em Questão — 1954-2004* e a edição 112, de 23 de agosto de 2004, chamada *Getúlio*. Em 26 de agosto de 2004 o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o IHU Idéias *Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos **Cadernos IHU Idéias**, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir. Vale destacar o **Caderno IHU em formação** número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. As versões eletrônicas encontram-se disponíveis no sítio (www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Leonel de Moura Brizola** (1922-2004): político brasileiro, nascido em Carazinho, no Rio Grande do Sul. Foi prefeito de Porto Alegre, governador do Rio Grande do Sul, deputado federal pelo extinto estado da Guanabara, e duas vezes governador do Rio de Janeiro. Sua influência política no Brasil durou aproximadamente 50 anos, inclusive enquanto exilado pelo Golpe de 1964, contra o qual foi um dos líderes da resistência. Por várias vezes, foi candidato a presidente do Brasil, sem sucesso, e fundou um partido político, o PDT. Sobre Brizola, confira no sitio do IHU, (wwwlunisinos.br/ihu), a versão eletrônica do **Cadernos IHU em Formação**, intitulada *Populismo e trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. (Nota da **IHU On-Line**)

> **"A economia, a disciplina e o respeito ao cidadão eram valores dessa sociedade apoiada na produção familiar, que valorizava o trabalho individual, abominado pelo escravismo oligárquico"**

IHU On-Line - Os movimentos sociais estariam fragilizados, hoje, em relação aos anos 1980?

Mário Maestri - Após a grande derrota de 1964 e quinze anos de ditadura militar, o movimento social sulino e brasileiro conheceu, em 1979, verdadeira explosão das lutas sindicais e pela democratização da posse da terra. Apenas muito parcialmente vitorioso nas suas reivindicações materiais, esse movimento ensejou grande vitória política com a fundação do PT (1980), da CUT (1983), então com orientações socialistas e classistas, e do MST (1984). Esses foram também os anos da luta pela anistia e pelas eleições diretas, que não conseguiram, entretanto, impor a punição dos criminosos da ditadura e as eleições diretas. Nos anos seguintes, o mundo do trabalho conheceu duas décadas de depressão econômica tendencial, agravada pela vitória da contra-revolução neoliberal em fins dos anos 1980, desastre de proporções históricas. Esse processo determinou enorme desorganização do movimento popular e cooptação dos partidos e das direções políticas, sindicais e sociais populares para a colaboração com o capital. Como assinalado, a política passou a ser simples meio de progressão social individual, lícita ou ilícita. Destaque-se que essa forma de enriquecimento se espraiou horizontalmente na esfera do executivo e legislativo, municipal, estadual e federal, garantindo ganhos pequenos, médios e literalmente abismais.

IHU On-Line - Como avalia a postura do governo do Rio Grande do Sul em relação aos movimentos sociais? O que essa repressão significa?

Mário Maestri - Yeda Crusius[5] elegeu-se com a conjunção da votação conservadora sulina com parte do eleitorado popular desgostoso com o governo Olívio Dutra, do PT, e Germano Rigotto, do PMDB. Sem projeto autonômico para o estado, propõe-se simplesmente facilitar a transferência para privados de recursos públicos; privatizar empresas estaduais e atrelar mais estreitamente a sociedade regional ao grande capital. Todos esses objetivos (liliputização do estado; corte de investimentos; alienação acionária do Banrisul; facilitação selvagem do agronegócio etc.) exigem a quebra da resistência do professorado, do funcionalismo público, do movimento dos camponeses sem terra. Com a exposição da corrupção do governo, reconhecida como prática normal por Cézar Busatto,[6] chefe da Casa Civil, e acusações diretas à probidade pessoal da governadora, para o governo Yeda Crusius, destruir o movimento social, de projeto estratégico, tornou-se meio para a rápida reconstrução-consolidação de apoio, sobretudo pelo latifúndio e grandes capitais interessados na celulose e bioenergia. Segmentos que sabem remunerar em forma magnânima seus prepostos.

IHU On-Line - A sociedade gaúcha

5 Confira mais informações sobre a crise gaúcha no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), consultando o "Baú da **IHU On-Line**" no início desta edição. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Cézar Busatto**: chefe da Casa Civil no Rio Grande do Sul, é economista e agente fiscal do Tesouro da Secretaria da Fazenda. Foi deputado estadual por três legislaturas (duas pelo PMDB e uma pelo PPS), entre 1994 e 2006, secretário da Fazenda do governo Antônio Britto (então no PMDB), entre 1995 e 1998, secretário especial de Governo e adjunto da Fazenda na administração Pedro Simon (1987-1990). (Nota da **IHU On-Line**)

sempre foi politizada. Como agiram suas chamadas elites?

Mário Maestri - O Rio Grande do Sul já foi região econômica e socialmente poderosa. Suas classes proprietárias desempenharam papel determinante na Independência, participando desde o início do "Conselho de Procuradores Provinciais"; os grandes criadores do meridião sustentaram longa guerra contra a Corte; na República Velha, o Rio Grande do Sul jamais conheceu intervenção federal, liderando a Revolução de 1930. Porém, nos últimos oitenta anos, o estado conheceu depressão tendencial, relativa ou absoluta, já que à margem de desenvolvimento capitalista, primeiro nacional, a seguir mundial, centrado no RJ-SP. Hoje, o Rio Grande do Sul é um arremedo do que foi no passado. Nesse longo período, apenas dois governantes ensaiaram projeto de desenvolvimento autonômico regional: Flores da Cunha,[7] em 1930-37, defenestrado por Vargas, representante do capital nacional hegemônico do RJ-SP; e Leonel Brizola, em 1959-63, rejeitado pelas próprias classes proprietárias sulinas que, após 1937 e 1964, adaptaram-se sem pruridos ao papel de gestores subordinados ao centro hegemônico, registrando assim incapacidade histórica de acaudilhar a região. O grande problema é que as classes trabalhadoras mostraram-se até agora incapazes de levantar projeto alternativo para o Rio Grande do Sul e o Brasil.

IHU On-Line - Como o gaúcho contemporâneo se relaciona com a política?

Mário Maestri - A politização da população sulina insere-se no processo apenas assinalado de crise regional. Na Colônia e no Império, a ação social coletiva das classes subalternizadas foi quase nula, já que se mostraram incapazes de articular-se em forma autônoma. Na República Velha, um importante ativismo operário, capitaneado pela gloriosa FORGS,[8] centrado, sobretudo, em Porto Alegre, não conseguiu espraiar-se para as regiões coloniais e para a Campanha, região que jamais conheceu movimentos coletivos. A população pobre e trabalhadora jamais conseguiu servir-se dos confrontos de 1835-45, 1893-5, 1923, 1930, 1932, para fazer avançar seus interesses. O que não quer dizer que a solução daqueles conflitos não lhes dissesse respeito. Talvez à exceção de 1961, a politização rio-grandense expressou-se, sobretudo, no plano político-eleitoral. A partir de 1969, o Sul conheceu ativismo sindical, sobretudo metalúrgico, bancário, dos trabalhadores rurais sem terra e, com destaque, dos professores públicos estaduais. Atualmente, apenas os dois últimos setores mostram vitalidade.

> "A politização da população sulina insere-se no processo apenas assinalado de crise regional"

IHU On-Line - Considerando a identidade gaúcha, como o povo do Rio Grande do Sul se define hoje? Quem é o gaúcho contemporâneo?

Mário Maestri - As identidades nacionais e regionais são geralmente construções das classes dominantes para a gestão política, ideológica, social e econômica dos subalternizados de um território. O gaúcho foi trabalhador pastoril nascido da dispersão das comunidades guaranis, charruas etc., devido à privatização dos territórios comunitários. Em relação à Argentina e ao Uruguai, o gaúcho desempenhou papel menor na economia pastoril sulina, devido ao forte desempenho do cativo campeiro. Porém, foi no Rio Grande do Sul onde se entranhou mais profundamente a identidade gaúcha entre comunidades sem relações com gaúcho histórico e o mundo latifundiário-pastoril, como os operários, classes médias urbanas e, sobretudo, descendentes de camponeses alemães, italianos, poloneses etc. Essa identidade inventada sufoca as identidades nascidas das experiências sociais profundas, como as do mundo do trabalho urbano, rural, servil etc.

IHU On-Line - Que tipo de reflexão a atual crise política gaúcha lhe desperta?

Mário Maestri - O Rio Grande do Sul vive hoje sob o signo da banalização da corrupção pública e da literal criminalização da oposição popular, através de ataque direto ao direito de manifestação dos trabalhadores sem terra, registros indiscutíveis da decomposição estrutural das práticas tradicionais da política republicana sulina. Realidade que não enseja resposta substantiva da chamada sociedade civil ou do mundo político regional, preocupado este último essencialmente com as próximas eleições. Trata-se de processos subjetivos nascidos das transformações substanciais e perversas da organização social rio-grandense, parte do processo de literal barbarização social do Brasil, que tende a pôr em xeque o próprio ordenamento democrático e institucional formal que ainda conhecemos. Processo perverso exemplificado paradigmaticamente no tratamento militar criminoso da população trabalhadora do morro da Providência no Rio de Janeiro.

Leia mais...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Mario Maestri. Acesse nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu).

* *"Há muita demagogia sobre a honestidade política das elites rio-grandenses"*, publicada em 17-06-2008;
* *A presença do negro no Rio Grande do Sul ontem e hoje*, publicada em 27-11-2008;
* **Cadernos IHU** número 6, intitulado *Gilberto Freyre: da Casa-Grande ao Sobrado. Gênese e Dissolução do Patriarcalismo Escravista no Brasil*;
* **Cadernos IHU** número 13, intitulado *O escravismo colonial: a revolução copernicana de Jacob Gorender. A gênese, o reconhecimento, a deslegitimação*;
* **Cadernos IHU** Idéias número 17, intitulado *As Sete Mulheres e as Negras sem Rosto: Ficção, História e Trivialidade*;
* **Cadernos IHU Idéias** número 74, intitulado *"Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho"*.

7 **José Antônio Flores da Cunha** (1880-1959): foi um político brasileiro, tendo sido governador do Rio Grande do Sul. (Nota da **IHU On-Line**)

8 Federação Operária do Rio Grande do Sul (Nota da **IHU On-Line**)

"Somos mais iguais aos nossos concidadãos do que pensávamos"

Para Maria Izabel Noll, a valorização dos partidos políticos ainda é um traço bastante presente na cultura do povo gaúcho

Por Graziela Wolfart

A professora e coordenadora do PPG em Ciência Política da UFRGS, Maria Izabel Noll, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, reflete sobre a identidade do povo gaúcho a partir da crise política que o estado vive. Em suas respostas, ela afirma: "O que provavelmente está sendo vivenciado pelos gaúchos é uma crise de auto-estima já que o Rio Grande do Sul tem sido visto como um estado politizado, participativo e celeiro de grandes lideranças como Getúlio Vargas, João Goulart ou Leonel Brizola, para citar apenas alguns mais evidentes. Muitas dessas construções passam a fazer parte de nossa cultura política, mas nem sempre correspondem à realidade dos dias presentes".

Noll possui graduação em História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrado em Ciência Política, pela mesma instituição, e doutorado em Ciência Política, pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, onde foi também professora visitante. Tem trabalhos na área de ciência política, com ênfase em estudos eleitorais e partidos políticos, atuando principalmente nos seguintes temas: partidos políticos, democracia, eleições, poder legislativo e elites.

IHU On-Line - A partir da história da política rio-grandense, como compreender a crise que vivemos hoje no governo do estado?

Maria Izabel Noll - A crise que estamos vivendo não é uma decorrência exclusiva da CPI do Detran ou de eventuais questões políticas acontecidas nos últimos meses. Ela vem se gestando a longo prazo e tomou formas mais concretas a partir da posse da governadora Yeda Crusius.[1] De um lado, é preciso pensar que o estado vem sofrendo um desgaste muito grande com o esgotamento de sua matriz econômica assentada na agropecuária de exportação. Não é de hoje a constatação de que a metade sul está estagnada e que o crescimento se concentra nas regiões industrializadas (centro-nordeste) e na zona do agronegócio (noroeste). Portanto, a ausência de recursos para investimento não é um fato novo. O que provavelmente é novo é o fato de que a governadora se elegeu através de um partido que não possui tradição no Rio Grande do Sul, um partido pequeno, e que necessitou de uma ampla base de sustentação de outros partidos para formar um governo. A tradicional oposição PMDB X PT, fortalecida ao longo dos anos 1990, constituía governos articulados em torno de sólida base partidária. Isso não foi possível com o atual governo. Ele é dependente de uma ampla gama de partidos políticos, com interesses diferenciados. Não estamos afirmando que os partidos não devam constituir amplas alianças para governar, porém ser um partido minoritário dentro de uma vasta aliança pode ter um custo alto.

1 **Yeda Rorato Crusius**: economista e política brasileira. É a atual governadora do estado do Rio Grande do Sul. Até o ano de 2006, ela foi deputada federal pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Como entender que um estado que formou tantas lideranças políticas nacionais tenha chegado ao ponto que chegou?

Maria Izabel Noll - São dois problemas diferentes. Um estado pode construir lideranças importantes e, ao mesmo tempo, viver momentos de crise. O que provavelmente está sendo vivenciado pelos gaúchos é uma crise de auto-estima já que o Rio Grande do Sul tem sido visto como um estado politizado, participativo e celeiro de grandes lideranças como Getúlio Vargas, João Goulart ou Leonel Brizola, para citar apenas alguns mais evidentes. Muitas dessas construções passam a fazer parte de nossa cultura política, mas nem sempre correspondem à realidade dos dias presentes. Os povos tendem a construir e reverenciar seu passado como algo mítico, com heróis e passagens gloriosas. Os gaúchos puderam fazer isto porque tiveram um passado de guerras, de revoluções, decorrentes do fato de sermos uma fronteira — durante muito tempo a

única fronteira viva do Brasil. Fomos brasileiros por opção. Poderíamos ter sido um país independente ou sermos parte da Argentina ou um território unido ao Uruguai. Mas somos brasileiros. Isso nos diferenciou bastante dos demais estados. Temos uma identidade regional muito marcada e constantemente reforçada. O que parece estar presente no momento, e que se verifica numa possível dificuldade de entender o que acontece, é que somos mais iguais aos nossos concidadãos do que pensávamos.

IHU On-Line - Como aparece a herança da cultura latina no jeito gaúcho de fazer política? Há ainda resquícios do castilhismo?

Maria Izabel Noll - Esse é um traço ainda presente, mas que também sofre com algumas mudanças nas últimas conjunturas. O modo platino de fazer política na realidade corresponde a uma visão polarizada do campo político. Aquilo que nos argentinos tem sido identificado como a oposição entre peronistas e radicais ou no Uruguai entre blancos e colorados, e que no Rio Grande do Sul se traduzia entre republicanos (pica-paus) e federalistas (maragatos) e mais tarde entre PTB e anti-PTB. Tínhamos, até a eleição de Yeda Crusius, a presença eleitoral dessa oposição, configurada no enfrentamento entre PMDB X PT, mas houve uma certa diluição das forças políticas com o crescimento de alguns grupos, o que poderíamos chamar de terceira força (seja o PDT, o PTB ou o PP). Configurou-se mais claramente um sistema multipartidário, apesar de ainda permanecer um bloco centrado no PT, mais à esquerda, e outro orbitando junto ao PMDB, mais à direita. Quanto ao Castilhismo[2] podemos dizer que deixou marcas muito fortes na cultura política do estado. Elas estiveram muito presentes no ideário do antigo PTB de Getulio, Jango e Brizola[3], com a valorização da educação, do nacionalismo e da ideologia trabalhista. Deixou também uma cultura autoritária, de centralização política e ênfase no Executivo.

> "Um estado pode construir lideranças importantes e, ao mesmo tempo, viver momentos de crise"

IHU On-Line – Quais são os valores que permanecem na cultura do povo gaúcho, de forma geral, mas principalmente no âmbito da política?

Maria Izabel Noll - Creio que um traço bastante permanente, apesar das crises, é a valorização dos partidos políticos. Mesmo com uma dose muito grande de críticas à conduta de alguns políticos, o partido como instituição ainda é valorizado. Nem políticos nem eleitores mudam radicalmente de posições políticas, quer dizer, os partidos, com todos os problemas decorrentes do jogo político, possuem conteúdo programático diferenciado e os eleitores se posicionam dentro do espectro político com relativa estabilidade. Aliás, essa é uma das características tradicionalmente apontada para o nosso sistema partidário: a estabilidade. Outro elemento que poderíamos lembrar é a participação. Votar é um ato de cidadania que está relacionado à presença de valores cívicos. Como já foi lembrado, a própria história do Rio Grande do Sul está muito construída em cima desta idéia de participação na vida política. Deu-se por meio de guerras e revoluções no passado e se dá pelo enfrentamento de forças políticas no momento atual.

IHU On-Line - Em que medida a estrutura política atual (representativa, partidos etc.) contribui para os problemas que temos acompanhado no governo gaúcho (desvio de verbas, corrupção, falta de ética)? Que alternativas podemos vislumbrar nesse sentido?

Maria Izabel Noll - Não me parece que o formato institucional tenha alguma dose de culpa na atual crise. Parece estar mais relacionado a formas de atuação de grupos dentro do aparelho do estado do que um defeito das instituições. Não apenas a burocratização, a terceirização de serviços (no bojo da reforma do estado e redução de seu escopo) e a baixa qualificação de quadros (decorrente dos baixos salários) são evidentemente mais culpadas pelos desvios constatados, como a maior transparência das atividades e respectivos gastos públicos, que hoje existe, permite uma visualização mais clara dessas mazelas. A corrupção não ocorre apenas no Rio Grande do Sul ou no Brasil. Ela está presente em todas as sociedades modernas e desenvolvidas. O que não temos são mecanismos de controle efetivos e atuação da justiça para que os processos não se esgotem na denúncia e no espetáculo midiático. A presunção da impunidade é o elemento mais corrosivo em termos políticos.

IHU On-Line - Getúlio Vargas pode ser visto como um ícone da política gaúcha? Qual é a importância do varguismo para a formação política de nosso estado?

Maria Izabel Noll - Não resta a menor dúvida de que Getúlio Vargas foi o maior político brasileiro do século XX. Sua atuação não se restringe ao Rio Grande do Sul, mas tem um significado mais amplo para o país como um todo. Sob sua condução se realizaram as maiores mudanças que o Brasil viveu. Deixou de ser um país agro-exportador, rural e oligárquico para ser uma nação industrializada, urbana, com condições de construir uma verdadeira sociedade democrática de massas. Sua importância para a formação política do estado pode ser medida pelo peso que até hoje as idéias ligadas ao trabalhismo, trabalhadores, inclusão social, modernização, importância do estado como condutor do desenvolvimento econômico e educação são receptivas à boa parte dos eleitores.

IHU On-Line - Como a senhora avalia o eleitor gaúcho? Qual é o sentimento comum do povo gaúcho diante da crise política atual?

Maria Izabel Noll - O eleitor gaúcho

2 Sobre Júlio de Castilhos confira a **IHU On-Line** número 78, de 06-10-2003, intitulada *Júlio de Castilhos: um centenário*, e os **Cadernos IHU Idéias** n° 14, de 07-05-2004, intitulado *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: A prática Política no RS*. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Sobre o tema, confira o **Cadernos IHU em formação** n° 01, de 15-06-2005, intitulado *Populismo e trabalhismo. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em www.unisinos.br/ihu. (Nota da **IHU On-Line**)

tem um comportamento político bastante estável, pelo que têm demonstrado os estudos nesta área. Talvez estejamos vivendo um período em que a clara oposição entre dois campos — que tem caracterizado o jogo político ao longo do tempo — esteja sofrendo um processo de "re-acomodação", mas o eleitorado tende a se polarizar, com uma estreita margem de centro que termina decidindo o processo eleitoral. As mudanças não são radicais e, com exceção do fenômeno Yeda nas últimas eleições, os partidos mais importantes são os criados com a reforma eleitoral do fim do regime militar. Conforme tem sido noticiado e veiculado pela mídia, o eleitor reage às denúncias de fraude e corrupção com um duplo sentimento. O primeiro é o natural, de crítica à classe política. O segundo refere-se mais à constatação de que a imagem construída sobre a superioridade política gaúcha estava assentada sobre um terreno pouco sólido. Dada a extensão da crise e o montante dos valores envolvidos, logicamente há uma frustração muito grande e a quebra de uma imagem sempre é algo traumático em termos coletivos.

IHU On-Line – Qual é o perfil dos partidos políticos no Rio Grande do Sul hoje? Como entender as coligações feitas?

Maria Izabel Noll – O perfil dos partidos no Rio Grande do Sul mostra um sistema articulado, com bastante estabilidade, com uma migração pequena, principalmente em termos comparativos com outros estados. O número de partidos com representação efetiva, mesmo nos municípios, não excede quinze partidos, com um peso real dos chamados grandes partidos (PMDB, PT, PP, PDT, PTB). O PSDB, um grande partido nacional, nunca expandiu sua base no Rio Grande do Sul. O espaço ideológico deste partido já estava ocupado pelo PMDB, o que dificultou sua implantação. As coligações feitas nas últimas eleições reproduzem, com pouca variação, a oposição já apontada anteriormente. Inclusive, a prática das coligações só se efetivarem no segundo turno tem sido um elemento de fortalecimento e expansão de pequenos e médios partidos.

O processo de consolidação programática. Uma análise do sistema partidário gaúcho

Para o deputado Raul Pont, o governo vive uma crise profunda e o pior é que não há muita perspectiva de sair dela

Por Bruna Quadros e Graziela Wolfart

"Existe, ao menos no imaginário popular, uma noção, que eu acho positiva, de que no Rio Grande do Sul se deve ter mais respeito às instituições republicanas, de que não se pode confundir o dinheiro público com o dinheiro do governante. Essas coisas devem ser mantidas neste imaginário, ainda que isso não elimine um caso de corrupção, como o que aconteceu no Detran, ou outros casos que tenham ocorrido ou venham a ocorrer. Mas, no geral, esses valores republicanos que o estado se orgulha devem ser elogiados, mantidos, garantidos." A opinião é do deputado Raul Pont (PT). Para ele, em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, é preciso "reagir à repressão que atinge a sindicalistas, trabalhadores do campo, com terra, sem terra e atingidos por barragens". Pont acredita que o atual governo do estado "vai pagar um preço alto pela sua postura antipopular, anti-desenvolvimento econômico". E classifica: "É um dos governos mais reacionários, conservadores e ineficientes que o estado teve nas últimas décadas".

Raul Pont, gaúcho de Uruguaiana, é historiador, político e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores — PT. Foi líder estudantil, militante sindical, professor universitário, inclusive da Unisinos, deputado estadual e federal e prefeito de Porto Alegre. Atualmente, é secretário-geral do PT e ainda ocupa uma cadeira na Assembléia Legislativa gaúcha, para a qual se reelegeu em 2006. Concluiu o curso de História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cursou Ciências Econômicas na mesma universidade e fez pós-graduação em Ciências Políticas na Unicamp.

IHU On-Line – Como o senhor caracteriza o que vem ocorrendo no governo Yeda? Em que sentido esse episódio retrata os bastidores da política gaúcha atual?

Raul Pont – O governo vive uma crise profunda, e o pior é que não há muita perspectiva de sair dela. Ela não é determinada apenas pela corrupção, que já vinha do governo Germano Germano Rigotto.[1] Neste um ano do governo Yeda, o que ficou provado na CPI, no inquérito policial, é que, se mudaram alguns sistemistas do negócio, o processo de corrupção é o mesmo do governo anterior. É manter contrato com as fundações universitárias, para escapar da licitação. E sub-contratar, de maneira combinada e articulada, previamente, com os sistemistas, como forma de gerar um excedente e desviar o recurso para os diretores dos órgãos e partidos. Além desta crise que bateu direto no próprio governo, não

1 **Germano Antônio Rigotto** (1949): político brasileiro, governador do Rio Grande do Sul entre 2003 e 2007. (Nota da **IHU On-Line**)

é gratuito que quatro secretários do primeiro escalão da governadora estejam envolvidos neste processo, direta ou indiretamente. Isso revela que o governo e a governadora sabiam desta sistemática. Além disto, este é um governo que tem políticas muito ruins, antipopulares e equivocadas. Elas coexistem com uma política fiscal brutal, que compromete quase um terço do ICMS potencial do estado e, simultaneamente, só busca equilíbrio fiscal através do corte de despesas, do corte de pessoal e do desmantelamento dos serviços públicos. É por isso que é um governo tão odiado pela população. A governadora não consegue trabalhar nem com verbas disponíveis para setores sociais, como a reforma agrária, pela sua postura reacionária, conservadora e completamente preconceituosa para enfrentar a questão da terra, essa crise social da grande propriedade no Rio Grande do Sul.

IHU On-Line – Como o senhor percebe a estrutura político-partidária do Rio Grande do Sul hoje? É possível definir, de forma geral, o perfil dos partidos políticos no estado atualmente, pensando nas coligações que vêm sendo feitas?

Raul Pont – Há um processo de redefinição do conjunto dos partidos e de uma redefinição histórica em função de que temos um sistema partidário que não alcançou 30 anos ainda. A reorganização partidária do final dos anos 1970 não consolidou ainda um novo quadro partidário mais definitivo. A reforma política, que não foi aprovada pelo centro e pela direita no Congresso Nacional, colabora para que os partidos não tenham uma definição mais ideológica e programática. Aqui no estado, há um campo da direita, que é composto hoje pelo DEM e pelo PSDB, que nacionalmente estruturam o discurso mais acabado de defesa do neoliberalismo e, portanto, são e se constituem na principal oposição ao projeto nacional que o governo Lula desenvolve. Os demais partidos vêm sofrendo um processo de transformação profunda. O PP sempre foi um partido de direita, extremamente conservador, mas encontra-se em crise nacionalmente. Podemos dizer que ele foi o esteio da ditadura, via Arena, e apoiou o neoliberalismo com facilidade, algo contraditório com o governo da Arena, com o governo militar dos anos 1970. O PP, como um partido de direita brasileiro, rapidamente saiu do modelo militar da ditadura para um modelo neoliberal. O PMDB, por sua vez, é um partido completamente fragmentado. Em cada estado ele é diferente e sobreviveu até aqui com o capital político adquirido na resistência à Ditadura Militar. No entanto, hoje está desmoronando, porque em cada estado ele é uma espécie de feudo de alguns dirigentes, de alguns coronéis. Não consegue ter um programa nacional, um candidato à presidência da República, ainda que seja o maior partido no país. Mas, exatamente pela sua fragmentação ideológica programática, ele se agarra em governos de esquerda, ou até mais à direita, como forma de sobrevivência fisiológica.

> **"A Brigada Militar tem se caracterizado, nas últimas semanas, por um absoluto desrespeito à Constituição, aos princípios elementares da democracia, porque cada vez mais vem cometendo violências e arbítrios inaceitáveis num estado de direito, onde as pessoas têm normas, regras, leis e se comportam diante delas"**

Outros partidos

O PTB é um balcão de negócios, não chega a ser muito um partido. Quer dizer, é um partido que também não tem um programa, uma ideologia. Sua ideologia é a ordem estabelecida, e esta é o sistema capitalista, com seus instrumentos de corrupção. O PDT vive também uma crise profunda de definição programática. A morte do Brizola ajuda nisso, porque o partido fica órfão. Ele tem ainda o discurso do trabalhismo, mas regionalmente, com muita facilidade, entrega o partido para pessoas que vêm de tradições e políticas muito diferenciadas. São partidos que, desde os anos 1980, vêm perdendo espaço, diminuindo a sua presença. E os novos partidos que aparecem no cenário nacional, como o PR e o PRB, respondem muito mais a relações de ordem confessional, a vínculos com igrejas, numa clara agressão aos princípios constitucionais, pois transformam igrejas em estruturas eleitorais e partidárias. Mas, programaticamente, não têm uma definição mais clara, mais precisa. No campo da esquerda, o PT está no governo nacional. O partido também tem problemas internos, do ponto de vista das suas origens e definições, mas vem mantendo, ao menos, a maior organicidade, a maior coerência nas votações, alcançando uma fidelidade programática maior no voto que pratica no congresso. Além disso, agora está reforçado por estar no governo, por ter o compromisso de estar mais aliado com a estrutura governamental. Mas são partidos que estão todos num processo de consolidação realmente programática, de formulação de um projeto mais de longo prazo para o país. E é normal que se tenha uma certa complacência com isso, porque 30 anos é pouco para consolidar um sistema partidário como o nosso, que nasceu num regime militar.

IHU On-Line – Quem é o eleitor gaúcho atual? Como as raízes da cultura do povo gaúcho aparecem na hora de escolher um representante político?

Raul Pont – O eleitor gaúcho e os partidos no estado, considerando os conflitos que comentei na pergunta anterior, têm mantido uma coerência um pouco maior em relação aos outros estados brasileiros. Não é comum a

"dança" dos deputados entre partidos aqui no Rio Grande do Sul. O eleitor tem se demonstrado nas eleições como um algoz ou como alguém que pune os dirigentes e as lideranças que trocam de partido numa jogada meramente eleitoral. Não é menor esse tipo de comportamento. Existe, ao menos no imaginário popular, uma noção, que eu acho positiva, de que no Rio Grande do Sul se deve ter mais respeito às instituições republicanas, de que não se pode confundir o dinheiro público com o dinheiro do governante. Essas coisas devem ser mantidas neste imaginário, ainda que isso não elimine um caso de corrupção, como o que aconteceu no Detran, ou outros casos que tenham ocorrido ou venham a ocorrer. Mas, no geral, esses valores republicanos que o estado se orgulha devem ser elogiados, mantidos, garantidos.

IHU On-Line – Considerando esse imaginário de "retidão" aqui do Rio Grande do Sul que o senhor menciona, de mais respeito com o dinheiro público, não há uma espécie de contradição entre esse imaginário presente na cultura gaúcha e o que está acontecendo no governo estadual? A identidade gaúcha também está mudando?

Raul Pont – Esse imaginário não elimina que casos como esse venham a acontecer. Mas é bom lembrar que, neste processo todo, nós não tivemos, por exemplo, funcionários do Detran envolvidos. O que vimos foi um golpe muito bem montado, escondido, urdido através da liberação de licitações para poder escapar dos órgãos de controle do estado, que envolveu dirigentes e alguns eram de carreira, como o Flávio Vaz Neto, procurador do estado. Isso é lamentável e mostra que nem instituições como a Procuradoria do Estado estão isentas de terem entre seus meios corruptos e malfeitores. Nesse caso, o que possibilitou o golpe foi a condição de diretor do Detran. As pessoas estavam lá como cargos de confiança, indicadas por partidos e pelo governo do estado e que exerciam papéis de comando. Os responsáveis por essa crise não são os funcionários públicos. São os diretores indicados por partidos e pelo governo.

"O que tem sido feito como tentativa de criminalizar os movimentos sociais é algo absurdo, inaceitável"

IHU On-Line – O que o senhor pensa da repressão feita pelo governo do estado aos movimentos sociais?

Raul Pont – É de indignar o comportamento das forças policiais do estado. A Brigada Militar tem se caracterizado, nas últimas semanas, por um absoluto desrespeito à Constituição, aos princípios elementares da democracia, porque cada vez mais vem cometendo violências e arbítrios inaceitáveis num estado de direito, onde as pessoas têm normas, regras, leis e se comportam diante delas. O que tem sido feito como tentativa de criminalizar os movimentos sociais é algo absurdo, inaceitável. Por isso, precisamos reagir à repressão que atinge a sindicalistas, trabalhadores do campo, com terra, sem terra e atingidos por barragens. Os acampamentos que reivindicam a reforma agrária estão reprimidos, isolados. Nós já estamos em junho, e o estado não gastou um real nas rubricas de reforma agrária, seja de apoio aos assentados, ou compra de terras. É um governo que vai pagar um preço alto pela sua postura antipopular, anti-desenvolvimento econômico. É um dos governos mais reacionários, conservadores e ineficientes que o estado teve nas últimas décadas.

IHU On-Line – Para o senhor, a economia do Rio Grande do Sul hoje é condizente com o histórico de valores que nosso povo sempre carregou? Como o senhor vê a entrada das grandes empresas reflorestadoras aqui no estado?

Raul Pont – A economia gaúcha não está mal. Pelo contrário: ela tem crescido igual ou até mais do que a economia nacional. É uma economia diversificada. O que está mal são as finanças públicas. Além disso, o governo do Rio Grande do Sul, por não ter políticas para o desenvolvimento harmônico e sustentável do estado, aceita, estimula e faz propaganda (como se estivesse fazendo um grande feito) por trazer como um atrativo de investimento esta silvicultura na região sul, no centro do estado e na fronteira oeste. Esta política é completamente equivocada. É uma política danosa, desastrosa, suicida para o estado, a médio e longo prazo. É uma política que tem despertado a impunidade dessas empresas diante da lei. Em alguns casos, como o da Stora Enso, na fronteira oeste, é totalmente de responsabilidade desta empresa o fato de não ter alcançado licenciamento para os seus projetos. Não é só o problema da margem e da faixa de fronteira. É que sem nenhum respeito à legislação, sem nenhum zoneamento prévio, essa empresa achou que estava num quintal do Terceiro Mundo, e que podia comprar terra em qualquer lugar, onde bem entendesse. Está se liquidando o bioma pampa[2] com uma política suicida e que, além dos monopólios das papeleiras, tem a incompetência e a cumplicidade de governos como esse que temos aqui no Rio Grande do Sul.

---

2 **Bioma pampa**: nome de origem quechua genericamente dado à região pastoril de planícies com coxilhas, entre o estado brasileiro do Rio Grande do Sul, as províncias argentinas de Buenos Aires, La Pampa, Santa Fé, Entre Ríos e Corrientes e a República Oriental do Uruguai. É também chamada de campos. Ecologicamente, é um bioma caracterizado por uma vegetação composta por gramíneas e plantas rasteiras, sendo encontradas algumas árvores e arbustos próximos a cursos d'água, que não são abundantes. Comparados às florestas e às savanas, os campos têm importante contribuição na preservação da biodiversidade, principalmente por atenuar o efeito estufa e auxiliar no controle da erosão. Sobre o pampa, confira a edição 247 da **IHU On-Line**, de 10-12-2007, intitulada *O pampa e o monocultivo do eucalipto*. Outro tema afim é tratado na edição 183, de 05-06-2006, *Floresta de Araucária: uma teia ecológica complexa*. Em breve, o IHU publicará a edição 27 do **Cadernos IHU em formação,** cujo título é *A Monocultura do eucalipto. Deserto disfarçado de verde?* (Nota da **IHU On-Line**)

A "estética do frio" e a identidade rio-grandense

Para Vitor Ramil, é preciso fugir dos estereótipos e retratar a cultura gaúcha a partir das experiências de vida

Por Graziela Wolfart e Greyce Vargas

Música e literatura são áreas artísticas que falam muito sobre a cultura de um povo. Mais do que isso, são uma forma de registro dessa cultura ao longo do tempo. E foi por essa razão que a **IHU On-Line** entrevistou por telefone o músico e escritor gaúcho de Pelotas Vitor Ramil. Em suas respostas, Vitor embasa sua visão sobre a identidade do gaúcho contemporâneo num conceito criado por ele chamado "estética do frio". Este conceito virou livro, com o mesmo título, publicado em 2004 pela editora Satolep Livros.

Quando Vitor pensa em identidade rio-grandense, ele afirma: "Estamos numa região em que existe a confluência de três culturas (brasileira, argentina e uruguaia), numa espécie de funil do país. Temos Santa Catarina e Paraná entre nós e o resto do país. Enquanto região Sul, somos bastante diferentes do 'Brasil tropical'. Seria importante enfrentarmos nossos clichês e percebermos como é a nossa brasilidade, como é ser brasileiro nesse lugar, nessas condições geográficas e culturais". Vitor é também autor de *Pequod* (São Paulo: Cosac Naify, 2008) e *Satolep* (São Paulo: Cosac Naify, 2008). Mais informações podem ser encontradas no site oficial do artista: www.vitorramil.com.br.

IHU On-Line - Quais são as relações entre a "estética do frio" e a identidade do gaúcho contemporâneo?

Vitor Ramil – A expressão "estética do frio" criou uma movimentação bem significativa, porque, quando reflito sobre esse conceito, eu fatalmente entro em assuntos como as questões de identidade aqui do Sul. Especificamente para o Rio Grande do Sul, as reflexões sobre a "estética do frio" com relação à identidade e à produção cultural têm encontrado muito eco no que as pessoas pensam e sentem. Percebi que o ecletismo, muito forte na música brasileira, me atrapalhava em termos de encontrar uma definição para meu trabalho. E meu norte foi justamente o sul, quando comecei a pensar nessa estética. Pois achei que o Brasil tinha uma espécie de estética que unificava todas as suas regiões, com músicas que eram sempre um convite à dança, à rua, à festa. E isso é diferente aqui no Sul. Falo desse nosso sentimento de ser ou não ser brasileiro, de ser uruguaio, argentino, mais platino do que brasileiro. E comecei a reagir um pouco aos estereótipos, tanto a esses que acabo de mencionar (de ser mais uruguaio etc.) e do gaúcho se achar melhor do que o brasileiro, quanto àquele de ser brasileiro: ser alegre, tocar música para dançar, pular carnaval, entre outras coisas. Por meio da "estética do frio", me dei o direito de transitar pelo imaginário regional com muita liberdade. Comecei evitando o estereótipo do gaúcho. Ao olhar para meu trabalho, para minha música, e de outros artistas também, sempre quando entrava no terreno do regional soava muito caricato, em termos de instrumentação, de letras. Estamos numa região em que existe a confluência de três culturas (brasileira, argentina e uruguaia), numa espécie de funil do país. Temos Santa Catarina e Paraná entre nós e o resto do país. Enquanto região Sul, somos

> "A expressão 'estética do frio' criou uma movimentação bem significativa, porque, quando reflito sobre esse conceito, eu fatalmente entro em assuntos como as questões de identidade aqui do Sul"

"Para o Rio Grande do Sul, as reflexões sobre a 'estética do frio' com relação à identidade e à produção cultural têm encontrado muito eco no que as pessoas pensam e sentem"

muito diferentes do 'Brasil tropical'. Seria importante enfrentarmos nossos clichês e percebermos como é a nossa brasilidade, como é ser brasileiro nesse lugar, nessas condições geográficas e culturais.

IHU On-Line – E, a partir disso, como você avalia o que está acontecendo na política gaúcha atual?
Vitor Ramil – Avalio como algo que acontece em qualquer outro lugar do país. Não há diferenças. Não consigo, por exemplo, relacionar o sentimento de "ser gaúcho" com o comportamento dos políticos. Os políticos são esses que já conhecemos. As barbaridades que estão acontecendo aqui e agora acontecem em todos os estados brasileiros.

IHU On-Line – Mas sempre houve a concepção entre o povo gaúcho de que aqui não havia corrupção e esse tipo de coisa não acontecia...
Vitor Ramil – Isso é uma mentira! Quem falou isso? Isso é um clichê, mais um estereótipo. "Ah, somos o povo mais politizado...". Nós já fomos um estado com muito investimento em educação, na época do Júlio de Castilhos, dos positivistas, e do Brizola, que colocou escolas por todos os cantos do estado. O governo do PT também teve uma atuação interessante nessa área. Mas isso não significa que seja assim o tempo todo, que sejamos mais politizados do que outros estados, ou que aqui não tenha corrupção. Cada região tem suas características, mas o corrupto está em todas as partes, em todo o país.

IHU On-Line – E por que o gaúcho se sente tão diferente num país feito de tantas diferenças?
Vitor Ramil – Temos a questão do clima como exemplo de diferença. Quando falo em "estética do frio", não é para dizer que onde faz frio precisamos criar dessa ou daquela maneira. Utilizo a idéia do frio como uma metáfora. É preciso abstrair para entender o conceito. O frio é algo simbólico na gente. Evidentemente, ele é bastante determinante no nosso comportamento. O clima nos leva a um outro tipo de atividade cultural, de ritmo de vida. No entanto, não quer dizer que não possamos fazer uma música alegre, por exemplo.

IHU On-Line - Que tipo de música mais representa o povo gaúcho atual?
Vitor Ramil – Não acho que exista uma música que represente mais o povo gaúcho. É um desafio interessante buscar isso. Mas não fico procurando. O artista fala por si mesmo, de uma realidade sua, interna. A obra representa o artista, a pessoa, o ser humano, individual. Claro, a partir do momento em que o artista escreve sobre a sua cidade, o seu lugar, no caso da literatura em que os personagens transitam em um local que é compartilhado, que é público, daí se fala de coisas que as pessoas também reconhecem em seus atos. Para mim, a a música gauchesca não nos representa completamente. Em parte, ela nos representa tanto quanto o rock porto-alegrense. Sinto falta e sempre procurei fazer o meu trabalho no sentido de conseguir uma linguagem artística que unificasse todas essas coisas, porque eu, Vitor, particularmente, me interesso por todas essas linhas.

IHU On-Line - Como é o gaúcho morador de *Satolep*? Quais são suas características e relações com o gaúcho estereotipado?
Vitor Ramil – Esse livro (*Satolep*) tem chamado a atenção das pessoas tanto daqui como de fora do estado em relação a como estão retratados nossos hábitos, nossa vida, mas sem nenhum clichê. Eu não coloco um gauchão de bombacha, ou uns caras assando churrasco o tempo todo. Eu simplesmente escrevo a partir da minha experiência, da minha vida, de coisas que vivi. Há uma cena no livro em que o personagem pega uma lata de goiabada, coloca álcool e acende o fogo para aquecer o banheiro na hora de tomar banho. Muitos de nós já passamos por essa experiência no Rio Grande do Sul. É algo bem simples, mas não é conhecido nem comum. Então, esses pequenos traços da nossa realidade, quando vêm à tona, falam da gente.

"Não consigo, por exemplo, relacionar o sentimento de 'ser gaúcho' com o comportamento dos políticos. Os políticos são esses que já conhecemos. As barbaridades que estão acontecendo aqui e agora acontecem em todos os estados brasileiros"

IHU On-Line - Que influência a "estética do frio" exerce nas suas composições musicais? É possível estabelecer uma relação entre a sua noção de identidade do gaúcho e as suas músicas?
Vitor Ramil – Minhas canções são como meu texto. As pessoas lêem e sempre encontram coisas daqui. E eu não preciso falar de campo ou de cavalo, posso falar de carro e de edifícios. A questão é o contexto.

A amplitude da identidade gaúcha

Márcia Lopes Duarte reconhece ainda hoje a manutenção de alguns costumes da cultura gaúcha, mas evidencia um alargamento de horizontes, principalmente no que se refere às questões culturais

Por Graziela Wolfart

Ao analisar o atual cenário cultural do Rio Grande do Sul a partir da literatura gaúcha, a professora Márcia Lopes Duarte, em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, considera que o momento atual no estado "não comporta mais uma identidade tão fechada em si mesma, tão conservadora, visto que a perspectiva de identidade que temos, hoje, é mais ampla e abarca novas possibilidades de inserção, lidando de outro modo com o que é diferente". No entanto, para ela, "o povo gaúcho continua sendo 'aguerrido', mesmo que seja obrigado, em alguns momentos, a aceitar situações vergonhosas, como as que estamos vivenciando agora", declara, referindo-se à crise política no governo do estado.

Márcia Lopes Duarte é graduada, mestre e doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente na Unisinos, é autora de vasta produção acadêmica, desde artigos especializados a capítulos de livros. Atualmente, é também coordenadora adjunta do curso de Formação de Escritores e Agentes Literários da Unisinos.

IHU On-Line - Em que medida o gaúcho "inventado" por Simões Lopes Neto ainda aparece na identidade do gaúcho contemporâneo? Quais as principais diferenças e semelhanças?

Márcia Lopes Duarte - O gaúcho "inventado" por Simões Lopes Neto[1] nunca existiu, a não ser no imaginário da população sul-rio-grandense. Ele foi um símbolo, cujo principal intuito era unificar o estado em torno de uma identidade coesa e coerente. As principais diferenças dizem respeito ao fato de que o momento atual não comporta mais uma identidade tão fechada em si mesma, tão conservadora, visto que a perspectiva de identidade que temos, hoje, é mais ampla e abarca novas possibilidades de inserção, lidando de outro modo com o que é diferente, por exemplo. A semelhança está nas características intrínsecas, visto que o povo gaúcho continua sendo "aguerrido", mesmo que seja obrigado, em alguns momentos, a aceitar situações vergonhosas, como as que estamos vivenciando agora.

IHU On-Line - Como o gaúcho de Simões Lopes Neto veria o Rio Grande do Sul hoje, com a crise política que acompanhamos, com a destruição do pampa e outras alterações de ordem social e cultural que acompanhamos?

Márcia Lopes Duarte - O velho Blau Nunes[2] certamente não ficaria orgu-

1 **João Simões Lopes Neto** (1865-1916): escritor gaúcho. A ele a revista **IHU On-Line** dedicou a edição 73, chamada *João Simões Lopes Neto: força da literatura brasileira e latino-americana*. O oitavo número dos **Cadernos IHU Idéias** é intitulado *Simões Lopes Neto e a invenção do gaúcho*, de autoria da Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte, professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. A publicação tem como base a apresentação da professora no IHU Idéias de 4-09- 2003. É possível conferir sobre o autor uma entrevista concedida por Márcia na **IHU On-Line** número 73, de 01-09-2003. Entre as principais obras do escritor, destacamos *Cancioneiro guasca* (1910), *Contos gauchescos* (1912), *Lendas do sul* (1913), *Casos do Romualdo* e o primeiro volume de *Terra gaúcha*, estes dois últimos surgidos muito tempo após sua morte, em 1950. (Notas da **IHU On-Line**)

2 **Blau Nunes**: personagem vaqueano de Simões Lopes Neto. Sobre ele, confira o documentário *"Blau Nunes, o vaqueano"*, produção de 52 minutos com roteiro e direção de André Costantin, produção e pesquisa de Geni Onzi. O protagonista é interpretado por Sebastião Fonseca de Oliveira. (Notas da **IHU On-Line**)

"Com a ampliação da identidade do povo sul-rio-grandense, alguns destes valores foram sendo suprimidos e substituídos por outros"

"O que está acontecendo na política do Rio Grande do Sul neste momento não tem nenhuma relação com a identidade do gaúcho, visto que o principal quesito desta identidade é a manutenção da honra"

"O povo está estupefato, porém não consegue reagir, visto que há uma incapacidade de atuação"

lhoso com a situação que estamos vivenciando em algumas de nossas instituições públicas, visto que uma das principais bandeiras do gaúcho ficcional era a honra, acima de tudo, inclusive dos bens materiais, como está muito bem demonstrado no conto "Trezentas onças".

IHU On-Line - Quais são os elementos que compõem a identidade do povo gaúcho contemporâneo? A figura do gaúcho como "entidade mítica" desapareceu? Quem é o gaúcho do século XXI?
Márcia Lopes Duarte - A identidade do povo gaúcho, hoje, é bem mais ampla do que seu substrato mítico parecia indicar. Há, ainda, a manutenção de alguns costumes, mas estes estão ficando cada vez mais circunscritos a determinados grupos. Evidencia-se, na sociedade em geral, um alargamento de horizontes, principalmente no que se refere às questões culturais. No que se refere aos valores, honra, coragem, amizade, estes seguem tendo papel fundamental na identidade dos gaúchos.

IHU On-Line - Qual é o papel da literatura na manutenção (ou não) dos valores que marcam a cultura da população do Rio Grande do Sul?
Márcia Lopes Duarte - A literatura tem um papel fundamental, não no sentido da preservação de uma identidade conservadora, mas no de ampliação das possibilidades de significação dessa identidade, como é o caso das narrativas escritas no final do século XX e início do século XXI, que permitem rever aspectos da história e da cultura do Rio Grande do Sul, sob os mais diversos pontos de vista.

IHU On-Line - Pensando na importância da ética e da honra para o comportamento do gaúcho, como entender o que estamos acompanhando na política do Rio Grande do Sul?
Márcia Lopes Duarte - O que está acontecendo na política do Rio Grande do Sul neste momento não tem nenhuma relação com a identidade do gaúcho, visto que o principal quesito desta identidade é a manutenção da honra. Outro ponto a ser ressaltado é a questão da cobiça por valores materiais, fato que entra em confronto com as necessidades singelas do verdadeiro gaúcho. O que se percebe, entretanto, é que, com a ampliação da identidade do povo sul-rio-grandense, alguns destes valores foram sendo suprimidos e substituídos por outros.

IHU On-Line - Considerando a característica das lutas (peleias) na tradição e na identidade remota dos gaúchos, qual sua avaliação sobre a maneira como o povo do Rio Grande do Sul vem se posicionando em relação ao que vem acontecendo no estado?
Márcia Lopes Duarte - O povo está estupefato, porém não consegue reagir, visto que há uma incapacidade de atuação. Este já é um fenômeno bastante comum no Brasil como um todo: a incapacidade de indignação. É como se todos estivessem anestesiados, depois de tantos escândalos políticos. Parece que o caso do Rio Grande do Sul é apenas mais um que vai acabar em pizza, que, como se sabe, não é o prato mais apreciado pelo povo gaúcho.

Leia mais...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Márcia Lopes Duarte. Acesse nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu), onde é possível baixar o material para leitura.

Entrevistas:
* *Os Sertões, de Euclides da Cunha*. Edição 62, de 02-06-2003;
* *O gaúcho que antecipou Guimarães Rosa*. Edição 73, de 01-09-2003.
* *Caio Fernando Abreu: um autor extemporâneo*. Edição 171, de 13-03-2006;
* *O mundo de García Márquez é masculinizado*. Edição 221, de 28-05-2007.

Publicações:
* **Cadernos IHU Idéias** número 8, intitulado *Simões Lopes Neto e a invenção do gaúcho*.

"A idéia tradicional do gaúcho só sobrevive no sotaque dos atores da Globo"

Na opinião de Luis Fernando Verissimo, a literatura que se faz no Rio Grande do Sul hoje não reforça a imagem tradicional do gaúcho no imaginário brasileiro

Por Graziela Wolfart

O escritor gaúcho Luis Fernando Verissimo concedeu a entrevista que segue, por e-mail, para a **IHU On-Line**, na qual aborda a questão da cultura gaúcha contemporânea a partir da literatura e também da música. Ao refletir sobre a crise gaúcha atual, Verissimo afirma que "gostamos de pensar que somos mais sérios e 'direitos' do que o resto do país, mas, infelizmente, as últimas notícias não estão confirmando isso". Mais conhecido por suas crônicas e textos de humor, publicados diariamente em vários jornais brasileiros, Veríssimo é também cartunista e tradutor, além de roteirista de televisão, autor de teatro e romancista bissexto. Já foi publicitário e copy desk de jornal. É ainda músico, atualmente tocando saxofone no grupo Jazz 6. Com mais de 60 títulos publicados, é um dos mais populares escritores brasileiros contemporâneos. É filho do também escritor Erico Verissimo.

IHU On-Line - Quais os valores que regem a identidade do gaúcho contemporâneo? A ética ainda está entre eles? Luis Fernando Verissimo - Gostamos de pensar que somos mais sérios e "direitos" do que o resto do país, mas, infelizmente, as últimas notícias não estão confirmando isso.

IHU On-Line - Como o *Analista de Bagé* analisaria o gaúcho dos dias atuais? Luis Fernando Verissimo - O Analista costuma dizer que Deus fez o resto do mundo primeiro e o Rio Grande do Sul quando pegou a prática, por isso sua opinião não seria exatamente insuspeita.

IHU On-Line - Como o senhor define o gaúcho presente no imaginário dos brasileiros, muitas vezes fruto da literatura? A população rio-grandense ainda se sente representada dessa forma? Luis Fernando Verissimo - A literatura que se faz no Rio Grande do Sul hoje, principalmente a dos autores mais jovens, não reforça, na minha opinião, a imagem tradicional do gaúcho no imaginário brasileiro. É uma literatura urbana, muitas vezes experimental, que nada tem de regionalista. A idéia tradicional que se tem do Rio Grande lá fora só sobrevive no sotaque carregado dos atores da Globo, quando interpretam gaúchos.

IHU On-Line - O que o gaúcho que você retrata em suas crônicas tem de diferente do retratado por seu pai? Acredita que a "alma" gaúcha mudou? Em que sentido? Luis Fernando Verissimo - Nos seus romances, com exceção de *O tempo e o vento*, meu pai já tratou de gaúchos urbanos, com a alma em transição. Fora o *Analista de Bagé*, que, claro, é uma caricatura, meus personagens não são marcadamente gaúchos, poderiam existir em qualquer lugar. Acho eu.

IHU On-Line - Se viva, como a Velhinha de Taubaté veria a atual crise do governo do estado do Rio Grande do Sul? Que explicação ela encontraria para o que vem ocorrendo, considerando os valores que sempre regeram o perfil do povo gaúcho (honestidade, retidão...)? E o senhor, qual sua opinião a respeito? Luis Fernando Verissimo - A Velhinha virou celebridade porque era a última pessoa no Brasil que acreditava no governo, qualquer governo. Mas a Velhinha morreu e hoje somos todos céticos.

IHU On-Line - O espaço que o rádio no Rio Grande do Sul dá para o futebol é impressionante... Como entender a paixão do gaúcho pelo futebol e a rivalidade entre gremistas e colorados? Luis Fernando Verissimo - Temos uma longa tradição de divisões apaixonadas, e o futebol reflete esse nosso pendor. Que, felizmente, não inclui mais degolar o inimigo, embora às vezes dê vontade.

IHU On-Line - O senhor considera a música sua atividade mais prazerosa. Em que sentido a música produzida aqui no sul revela a identidade do povo gaúcho? Luis Fernando Verissimo - Outra longa tradição gaúcha, e principalmente porto-alegrense, é a de grandes músicos, muitos dos quais não precisam sair daqui para terem público e prestígio nacionais. Mas, como no caso da literatura, não fazem, necessariamente, uma música com características regionais.

O perfil religioso do povo gaúcho

Na opinião do professor Carlos Steil, o Rio Grande do Sul é o estado brasileiro que mais assume o pertencimento às religiões afro

Por Graziela Wolfart

Ao falar sobre a questão religiosa no estado do Rio Grande do Sul, o professor Carlos Steil, em entrevista por telefone para a **IHU On-Line**, afirma que "uma característica própria do ser gaúcho é um certo posicionamento mais firme em termos da identidade religiosa". Para ele, é uma característica do povo gaúcho a clara definição do seu pertencimento religioso. Ao falar sobre as peculiaridades das principais religiões do estado, Steil dá sua opinião sobre a missa crioula quando considera que "temos, de um lado, uma estereotipação do que é ser gaúcho, que aparece numa linguagem, numa estética, numa forma de se posicionar no mundo. De outro lado, a missa crioula que se organiza como um ritual que se apropria destes estereótipos próprios do gaúcho e dá uma forma litúrgica a isto. Mas não acho que seja algo de raiz em termos culturais. Não atinge a raiz do que seja a experiência do gaúcho".

Carlos Steil é doutor em Antropologia Social, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fez o pós-doutorado na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos. Também é mestre em Teologia, pela PUC-Rio, e em Educação, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ). Entre suas obras, citamos *O sertão das romarias. Um estudo antropológico da Romaria de Bom Jesus da Lapa — Bahia* (Petrópolis: Vozes, 1996), *Globalização e religião* (Petrópolis: Vozes, 1997) e *Cotas raciais na universidade* (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006). Steil esteve na Unisinos em maio de 2007, participando do Simpósio Internacional *O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?*, com o minicurso "Os novos movimentos religiosos e a sociedade de indivíduos". É autor do **Cadernos IHU Idéias** número 93, intitulado *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro*.

IHU On-Line - Como o senhor define o perfil religioso do povo gaúcho hoje?
Carlos Steil – O povo gaúcho não difere muito de outras regiões do país quanto ao seu perfil religioso. É um estado em que a presença católica e protestante fica dentro da média de outros estados, em termos estatísticos. Difere, no entanto, quanto à presença afro, de modo que no censo religioso o Rio Grande do Sul aparece como um dos estados em que a percentagem das religiões afro é mais significativa, pelo menos com base na declaração das pessoas. Isso se deve ao fato de que os gaúchos se posicionam mais claramente em termos de seu pertencimento religioso. Na população de outros estados, muitas pessoas que freqüentam a religião afro não assumem, pois preferem se declarar como católicas. Assim, se há uma tendência das pessoas procurarem esconder seu pertencimento afro sob a identidade católica, no Rio Grande do Sul parece que elas tendem a declarar mais a sua identidade afro do que em outras regiões do Brasil.

Migração protestante e espiritismo

Como noutras partes do país, temos, no Rio Grande do Sul, uma presença protestante bastante significativa, mas com uma diferença, na medida em que aqui temos um percentual maior de pessoas que estão associadas ao protestantismo de migração. Ou seja, são pessoas que não se converteram dentro de um protestantismo de missão, mas, quando vieram para cá como migrantes, já eram protestantes, especialmente os luteranos. Uma outra característica peculiar em relação ao perfil religioso do Rio Grande do Sul é a presença bastante forte do espiritismo, especialmente entre os jovens. A porcentagem de espíritas entre os jovens universitários, segundo pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudas da Religião da UFRGS, chega a 20%, o que está bem acima da média nacional de espíritas. Isso, a meu ver, está relacionado a uma característica mais geral do Rio Grande do Sul, que é uma tradição racionalista, um certo positivismo que foi forte no século XIX e adentra o século XX, tendo uma se-

melhança bastante forte com o espiritismo kardecista.

Catolicismo gaúcho

Em relação ao catolicismo, também temos uma peculiaridade. É bastante forte aqui no estado um catolicismo mais clerical, eclesiástico, que está relacionado com a própria presença institucional da Igreja no Rio Grande do Sul, através da migração. Os migrantes que chegaram aqui ao longo do século XIX e início do século XX, como colonos, vieram acompanhados de congregações e ordens religiosas. A presença do seminário sempre foi marcante, representativa de um catolicismo mais intransigente, marcado por uma perspectiva mais romanizada, que suplantou o catolicismo mais popular e tradicional que existia no estado antes disso.

IHU On-Line – Como o senhor vê o crescimento de adeptos das religiões neopentecostais no Rio Grande do Sul?

Carlos Steil – O neopentecostalismo é um fenômeno recente que, assim como em outras partes do Brasil, aqui no Rio Grande do Sul é bastante forte. A meu ver, isso está relacionado a um processo que chamo de inculturação do protestantismo no Brasil. O protestantismo pentecostal veio para cá com características marcadamente norte-americanas. Durante muitos anos, ele foi assumindo características de uma cultura mais nacional, uma forma mais "abrasileirada" de pentecostalismo, especialmente através da Igreja Universal do Reino de Deus,[1] mas que se estende também para outras igrejas pentecostais que, depois do surgimento da IURD, também se moldaram segundo este modelo neopentecostal. Ao meu ver, o crescimento atual do pentecostalismo no país se deve em grande medida a este processo de inculturação e incorporação do "jeito brasileiro de ser" pela matriz de origem norte-americana. Hoje, estamos exportando para o mundo inteiro este protestantismo abrasileirado.

IHU On-Line - Em que medida a questão religiosa ajuda a compreender as características sociais, de identidade e de valores da população rio-grandense contemporânea?

Carlos Steil – Existe uma cultura, um jeito, um estilo de ser gaúcho que se reflete em muitos campos, em muitas formas de vida, que vão sendo assumidas pelos cidadãos rio-grandenses. Essa mesma cultura e estilo de ser também se refletem na religião. Não é possível separar a religião do estilo de vida dos gaúchos. Estes aspectos se determinam um ao outro. Entendo que entre religião e cultura existe uma tensão permanente, que vai se refletindo uma sobre a outra.

> "A missa crioula se organiza como um ritual que se apropria destes estereótipos próprios do gaúcho e dá uma forma litúrgica a isto. Mas não acho que seja algo de raiz em termos culturais. Não atinge a raiz do que seja a experiência do gaúcho"

IHU On-Line – Qual é a peculiaridade do povo gaúcho no que se refere à crença, à espiritualidade e à mística?

Carlos Steil – Existem algumas marcas, alguns elementos diacríticos, que foram sendo incorporados no modo religioso de ser do gaúcho ao longo da história das religiões no estado. Por exemplo, uma característica própria do ser gaúcho é um certo posicionamento mais firme em termos da identidade religiosa. É o que falei sobre o pertencimento à religião afro no Rio Grande do Sul. É uma característica do povo gaúcho a clara definição do seu pertencimento em muitos campos, que se reflete também no campo religioso.

IHU On-Line – Qual é a sua opinião sobre a missa crioula? Ela reflete a relação do gaúcho e da gaúcha católicos com Deus?

Carlos Steil – A missa crioula é uma forma de aproximação do catolicismo com a cultura gaúcha, mas com uma cultura gaúcha que é muitas vezes estereotipada. É uma relação mais na forma do que no conteúdo em si. Temos, de um lado, uma estereotipação do que é ser gaúcho, que aparece numa linguagem, numa estética, numa forma de se posicionar no mundo. De outro lado, a missa crioula se organiza como um ritual que se apropria destes estereótipos próprios do gaúcho e dá uma forma litúrgica a isto. Mas não acho que seja algo de raiz em termos culturais. Não atinge a raiz do que seja a experiência do gaúcho.

IHU On-Line - Para o senhor, os valores religiosos têm alguma interferência na concepção política do Rio Grande do Sul?

Carlos Steil – Com certeza. Se pensarmos em termos do próprio embate do campo religioso, muitos aspectos acabam se refletindo no campo político. Temos como exemplo esta lei sobre a proibição de se deixar restos de animais nas encruzilhadas, estradas e espaços públicos. É uma lei que, embora apresente um conteúdo que visa a higiene e limpeza urbana, na verdade pretende restringir ou coibir os rituais das religiões afro, dos despachos. Esse é um exemplo de como o embate religioso das religiões afro e neopentecostais acaba se expressando e se concretizando em leis e normas que vão se impor à sociedade como um todo.

1 **Igreja Universal do Reino de Deus**: igreja cristã protestante, de tendêcia pentecostal, fundada no Brasil. Sobre o tema, confira a edição 36 do **Cadernos IHU Idéias**, intitulada *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica*. (Nota da **IHU On-Line**)

Notas sobre o futebol gaúcho

Por Édison Gastaldo*

Certa vez, a antropóloga Simoni Lahud Guedes denominou o futebol no Brasil como uma "instituição zero", isto é, um fenômeno social sem um sentido único e definido, entendido como um imenso significante vazio, capaz de referir uma grande variedade de significados, conforme a ocasião. Assim, no Brasil, o futebol pode ser visto tanto como uma metáfora da masculinidade, como um elemento da identidade nacional (que o epíteto "país do futebol" expressa claramente), quanto seus cartolas, procuradores e empresários como uma expressão das mazelas da vida pública em nosso país, e assim por diante. Entre muitos outros significados que o futebol pode expressar, um deles é o de reduto da identidade regional no Rio Grande do Sul. Os gaúchos acreditam — ou gostam de acreditar — que o futebol jogado aqui tem um "estilo" próprio, distinto daquele atribuído ao "futebol brasileiro" na mesma medida em que se considera o Rio Grande do Sul e a "cultura gaúcha" como sendo distintos do Brasil e da "cultura brasileira". O "futebol gaúcho" (como a cultura gaúcha) seria mais "vigoroso", "duro", fundamentado em disciplina tática — leia-se "trabalho" —, ao contrário do futebol brasileiro, que seria mais "malandro", "alegre", fundamentado no talento individual, isto é, no "dom natural" dos craques. Ora, estas representações fazem muito sentido à primeira vista, mas é preciso alguma cautela antes de adotá-las impensadamente. Se, por um lado, essas representações coletivas (pelo fato mesmo de serem largamente difundidas) provocam expectativas entre torcedores e dirigentes com relação aos jogadores a serem contratados ou dispensados, por outro, a circulação nacional e internacional dos jogadores dilui a possibilidade de "escolas" ou "estilos" fundamentados em valores regionais. Como um exemplo, basta pensar que no Gre-Nal do final de semana (29 de junho) somente um dentre todos os 22 titulares em campo nasceu no Rio Grande do Sul, o goleiro Renan, do Internacional.

A dupla Gre-Nal, a propósito, expressa uma tradicional divisão binária dos gaúchos: desde farroupilhas e imperiais, chimangos e maragatos, petistas e peemedebistas, a política em nosso estado tem sido marcada por polaridades extremadas. A divisão do Rio Grande do Sul entre gremistas e colorados vem a expressar isso em uma versão futebolística. O mesmo padrão se repete nas principais cidades do interior: Caxias x Juventude em Caxias do Sul, Brasil x Pelotas em Pelotas e mesmo Aimoré x Floriano (atualmente Novo Hamburgo) no Vale do Sinos. Mais uma vez, o potencial significante do futebol entra em ação para definir um universo dividido em dois: de um lado, os negros pobres: o "povão"; do outro, os brancos ricos: a "elite". Uma espécie de complementaridade dos opostos à moda gaúcha, um t'ai chi gaudério. Entretanto, mais uma vez devemos resistir a simplificações exageradas e ao que Eric Hobsbawm chama de "tradições inventadas": normalmente, as pesquisas sobre pertencimento clubístico no Rio Grande do Sul resultam em um empate técnico em todas as classes sociais e clivagens étnicas. De uma certa forma, os sentidos que atribuímos ao futebol refletem a nossa "realidade", mas não de modo simples e direto: estas representações largamente compartilhadas nos mostram aquilo em que gostamos de acreditar, nos evidenciam com que categorias classificamos e damos sentido para o mundo, para os outros, para a sociedade.

"Desde farroupilhas e imperiais, chimangos e maragatos, petistas e peemedebistas, a política em nosso estado tem sido marcada por polaridades extremadas. A divisão do Rio Grande do Sul entre gremistas e colorados vem a expressar isso em uma versão futebolística"

* Antropólogo, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Unisinos e autor dos **Cadernos IHU Idéias** número 10, intitulado *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo*, e número 43, intitulado *Futebol, mídia e sociabilidade. Uma experiência etnográfica.*

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destaques da Semana

Entrevista da Semana

Dante: um poeta extremamente autobiográfico

O escritor Eduardo Sterzi reafirma a importância de Dante Alighieri para a literatura universal por meio de sua nova visão de sujeito moderno

Por André Dick

Para o poeta e crítico literário gaúcho Eduardo Sterzi, o escritor italiano Dante Alighieri "tematizou constantemente sua própria vida em sua obra, transpondo, com menor ou maior transfiguração, acontecimentos que viveu e personagens que conheceu para o interior dos textos, sendo impossível, ou infecundo, separar, mesmo de uma perspectiva analítica, vida e poesia na sua obra".

Nesta entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Eduardo fala também sobre o processo de realização da obra *Por que ler Dante*, que lançou este ano pela editora Globo, numa nova coleção dedicada a mostrar a história de escritores consagrados. Assim, revela seus principais apontamentos sobre a obra do escritor e político de Florença que deixou à humanidade obras de notável relevância. Segundo Sterzi, a *Divina Comédia*, por exemplo, "como nenhum outro texto, a não ser a Bíblia, tornou-se uma espécie de repertório permanente de imagens à disposição de todos, mesmo daqueles que jamais leram um único verso escrito por Dante". No entanto, ele destaca outro livro vital para o leitor entrar com esse autor: *Vida nova*, em que Alighieri conta como conheceu sua amada Beatriz, a quem dedicou seus versos, e por meio da qual desenvolve sua perícia em misturar dados biográficos com a literatura.

Sterzi é mestre em Teoria Literária, pela PUCRS, com dissertação sobre Murilo Mendes, e doutor em Teoria e História Literária, pela Unicamp, com tese sobre *Vida nova*, de Dante Alighieri. Atualmente, faz pós-doutorado na USP, junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, com uma pesquisa intitulada "Desertos: poesia moderna e paisagem negativa". Também é autor do livro de poemas *Prosa* (Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2001) e organizador de *Do céu do futuro: cinco ensaios sobre Augusto de Campos* (São Paulo: Ed. Marco, 2005).

IHU On-Line - Como foi seu primeiro contato com a obra de Dante? Sendo também poeta, foi por meio de outros poetas? E o interesse por sua obra veio ao mesmo tempo de querer saber mais sobre sua vida, querendo entrar em contato com sua biografia?

Eduardo Sterzi - Não recordo exatamente como foi meu primeiro contato com a obra de Dante. Provavelmente, como todo mundo, fui-me habituando, ainda na infância, às inúmeras repercussões desta obra, que estão por toda a parte na nossa cultura. Porque este é um ponto decisivo da obra dantesca, sobretudo da *Comédia*:[1] como nenhum outro texto, a não ser a Bíblia, ela tornou-se uma espécie de repertório permanente de imagens à disposição de todos, mesmo daqueles que jamais leram um único verso escrito por Dante. São poucos os filmes-catástrofe ou os filmes de terror que não têm alguma referência ao *Inferno* de Dante. Toda nossa imaginação do Inferno — tal como registrada pelas mais diversas artes — é sobretudo dantesca. Acredito que, a qualquer

1 Uma tradução completa da *Divina Comédia*, feita por Ítalo Eugênio Mauro, foi publicada pela Editora 34, em 1998. (Nota da **IHU On-Line**)

um com alguma curiosidade intelectual, essa onipresença da referência a Dante — que passa pelo próprio adjetivo "dantesco" — termina levando, mais dia menos dia, aos textos.

Se eu tivesse, porém, de datar um primeiro contato significativo com a poesia de Dante, diria que aconteceu provavelmente em 1991, no meu primeiro ano de faculdade, quando eu tinha 17 ou 18 anos e li, numa biblioteca da UFRGS, as traduções de cantos da *Comédia* que estão no livro *O anticrítico* (São Paulo: Companhia das Letras, 1986), de Augusto de Campos,[2] acompanhadas de um ensaio em forma de poema que muito me impressionou à época (e ainda hoje, de algum modo, continua a orientar minhas leituras de traduções da *Comédia*, e também de outros poemas, de outros autores). Este é talvez o ponto-zero, pelo menos que eu me lembre, do meu interesse pela obra de Dante, interesse que, quinze anos depois, resultou numa tese de doutorado ainda não publicada como livro,[3] assim como, agora, resulta neste livro que está sendo lançado. Quanto à última parte da pergunta, não sei dizer se o interesse pela biografia de Dante surgiu junto com o interesse pela poesia dele. Provavelmente sim, já que, como disse antes, sua obra é, num sentido profundo, radicalmente autobiográfica. E também porque sempre me pareceu que o conhecimento da vida do escritor, assim como do seu contexto histórico, é um elemento importante para o conhecimento de sua obra — algo que vale para Dante mas também para qualquer outro.

IHU On-Line - Em seu livro *Por que ler Dante*, você, portanto, faz uma mescla entre biografia e análise da obra de Dante, sobretudo da *Vida nova*[4] e da *Divina comédia*. Como se faz essa interseção entre vida e linguagem na própria *selva oscura* de Dante?

Eduardo Sterzi - Inicialmente, devo esclarecer que a mescla de biografia e análise da obra — ou, antes, a articulação das duas abordagens, em dois momentos sucessivos, constituintes, respectivamente, do primeiro e do segundo capítulos do livro — atendeu a uma exigência da coleção *Por que ler*, que segue um esquema único para todos os autores. Em todos os livros da coleção (numa primeira leva, além deste dedicado a Dante, há dois outros, dedicados a Shakespeare[5] e a Jorge Luis Borges,[6] e logo aparecerão outros dedicados a Manuel Bandeira[7] e Guimarães Rosa[8]), há no começo uma introdução biográfica, com cronologia apensa, depois um ensaio de leitura, completando-se o volume com uma seleção de trechos de obras do autor examinado e uma série de indicações bibliográficas. Este modelo compartimentado é prático sobretudo do ponto de vista do leitor, pois, especialmente no caso de uma releitura ou de uma consulta, permite um acesso mais rápido à informação que se está buscando. No entanto, em alguma medida, separa-se aí, nesta divisão em capítulo autobiográfico e capítulo, digamos, crítico, o que, sobretudo no caso de um autor como Dante, se dá de modo muito imbricado: dado que Dante tematizou constantemente sua própria vida em sua obra, transpondo, com menor ou maior transfiguração, acontecimentos que viveu e personagens que conheceu para o interior dos textos, é impossível, ou infecundo, separar, mesmo de uma perspectiva analítica, vida e poesia na sua obra. Até porque o movimento presente na obra de Dante é um pouco mais complexo do que isto que acabo de dizer pode dar a impressão: não há apenas um transporte de elementos da vida para a poesia, mas também uma espécie de produção (e não apenas reprodução) contínua e programática de vida no texto.

> "Em Dante, não há apenas um transporte de elementos da vida para a poesia, mas também uma espécie de produção (e não apenas reprodução) contínua e programática de vida no texto"

Uma obra profundamente autobiográfica

Neste sentido, podemos dizer que a obra de Dante é profundamente *autobiográfica*: como se ele, ao escrever seus poemas, escrevesse também a si mesmo como um ser a um só tempo interno e externo ao poema. Sabemos bem, desde certo estruturalismo, que os personagens literários (e Dante faz de si mesmo o protagonista de sua obra, sendo esta uma de suas grandes novidades) são, a rigor, "seres de papel"; no entanto, como bem percebeu George Steiner,[9] são também,

2 **Augusto de Campos** (1931): poeta, autor de *Viva vaia*, *Despoesia* e *Não*. Participou com a tradução "Brahma", de poema de Ralph W. Emerson, na revista **IHU On-Line** 250, intitulada *Maio de 68: 40 anos depois*, em 10-03-2008. (Nota da **IHU On-Line**)

3 A tese se chama "Incipit: a Vita nova e a irrupção da lírica moderna", defendida na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 2006. (Nota da **IHU On-Line**)

4 *Vida nova* foi traduzida por Décio Pignatari no livro *Retrato do artista quando jovem* (São Paulo: Companhia das Letras, 1990). (Nota da **IHU On-Line**)

5 **William Shakespeare** (1564-1616): dramaturgo inglês. Considerado por muitos como o mais importante dos escritores de língua inglesa de todos os tempos. Como dramaturgo, escreveu não só algumas das mais marcantes tragédias da cultura ocidental, mas também algumas comédias, 154 sonetos e vários poemas de maior dimensão. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Jorge Luis Borges** (1899-1986): contista e poeta argentino. Foi dedicada a ele a edição 193 da **IHU On-Line**, de 28-08-2006, intitulada *Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério*. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Manuel Bandeira**(1886-1968): poeta modernista, autor de *O ritmo dissoluto* e *Estrela da manhã*, entre outros livros. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Entre suas obras, citamos *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira. A edição 178 da **IHU On-Line**, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título "Sertão é do tamanho do mundo". 50 anos da obra de João Guimarães Rosa. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas. De 30 de setembro a 03 de outubro, a Unisinos promove o Seminário Nacional de Literatura e Cultura Brasileira: Machado e Rosa. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **George Steiner** (1929): crítico literário francês, autor de, entre outros livros, *Linguagem*

"De fato, um dos aspectos distintivos da vida de Dante foi seu alto envolvimento na política florentina e italiana de seu tempo. Poucos poetas de grandeza comparável (se há algum...) tiveram uma participação política tão destacada"

pelo menos nas grandes obras, "presenças reais". Este é um nó que o leitor, mesmo o leitor crítico, não tem como desfazer — e, acredito, nem deve tentar. A estratégia que adotei, ao escrever este livro, foi incrustar apontamentos biográficos no ensaio de leitura, assim como, complementarmente, abrigar digressões sobre os textos no capítulo biográfico. E, quanto a essas digressões do capítulo inicial, não tocam apenas aos textos dantescos, mas também a alguns textos daquele que foi um dos principais copistas e biógrafos de Dante, o grande Giovanni Boccaccio,[10] ele mesmo um escritor decisivo do período imediatamente posterior a Dante. Não temos muitos documentos que testemunhem da vida de Dante; na ausência desses documentos, a imagem inicial que temos dele vem tanto da sua obra quanto da biografia escrita por Boccaccio, o *Pequeno tratado em louvor de Dante*. Basta lembrar, por exemplo, que foi Boccaccio quem forneceu à posteridade a identificação entre a Beatrice-personagem da *Vida nova* e da *Comédia* e a menina Bice Portinari: o que pode ser verdade, mas pode ser também uma ficção boccacciana.

IHU On-Line - Em que medida o Dante envolvido com a política se reflete em sua obra literária?

Eduardo Sterzi - De fato, um dos aspectos distintivos da vida de Dante foi seu alto envolvimento na política florentina e italiana de seu tempo. Poucos poetas de grandeza comparável (se há algum...) tiveram uma participação política tão destacada: Dante, não esqueçamos, chegou a ser, ainda que por breve período, um dos administradores principais de sua cidade natal, à época uma das cidades mais importantes da Europa. Sua experiência política — que acabou por levá-lo ao exílio, de que nunca retornou — foi fundamental para a configuração da obra que assinala sua maturidade como poeta, a *Comédia*. Na *Vida nova*, escrita quando Dante ainda mal se iniciava na vida pública de Florença, a sempre conturbada política da península italiana parece estar ausente, pelo menos à primeira vista (um exercício crítico interessante seria tentar ver se em algum momento deste livro de juventude a vida política se infiltrou, ainda que a conta-gotas, no texto. Há alguns pontos que dão o que pensar).

A política na *Divina Comédia*

Na *Comédia*, em compensação, a política é, explicitamente, um dos elementos cruciais de organização do poema. Nesta que é sua obra máxima, Dante lamenta a desagregação política da Itália (na qual cada cidade parece estar em guerra contra todas as outras e dentro de cada uma as facções se combatem violentamente) e, ao mesmo tempo, expõe a utopia de um império universal que viesse trazer tranqüilidade para a região. Tendo em vista ambos os fins, Dante apresenta no poema diversos personagens históricos que desempenharam papel decisivo na política européia, personagens provenientes tanto da história da Roma antiga quanto dos anos imediatamente anteriores à redação do poema. Alguns destes personagens são elogiados como modelos de conduta ética e política; outros — para satisfação de todos aqueles que conservaram a capacidade de se indignar com os absurdos da vida pública — são justamente castigados no Inferno ou no Purgatório. Dentro desse tópico, vale ainda lembrar que Dante, além de poeta, foi também um pensador político, que nos deixou um tratado importante a respeito de sua idéia do Império universal, um tratado escrito em latim e cujo título é *Monarchia*.

IHU On-Line - Uma de suas idéias centrais é de que a *Vida nova* seria o primeiro livro da literatura moderna, como diz em seu livro e numa entrevista à *IHU On-Line*. Poderia explicar de que modo se utilizam elementos característicos da modernidade para caracterizar uma obra escrita na Idade Média, não ligada diretamente ao conceito de modernidade?

Eduardo Sterzi - Como busco mostrar na minha tese, talvez nosso entendimento do que seja a modernidade seja perturbado por uma apreensão limitada do tempo histórico. As narrativas históricas convencionais costumam adotar dois modelos básicos e antagônicos: um atento sobretudo às continuidades, outro atento às rupturas. Na verdade, o que alguns objetos especiais nos demonstram — e a obra de Dante é um desses objetos — é que o modo dualista como pensamos habitualmente o tempo histórico não dá conta da complexidade aí em jogo. É neste sentido que Georges Didi-Huberman,[11] um dos teóricos com quem mais tenho aprendido nos últimos anos, diz que a história da arte (em cujo âmbito eu incluo, de minha parte, a história da literatura) pode servir de guia para as outras disciplinas his-

e silêncio (São Paulo: Companhia das Letras, 1990) e *Gramáticas da criação* (São Paulo: Globo, 2001). (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Giovanni Boccaccio** (1313-1375): foi um autor e poeta italiano, filho de um mercador. Boccaccio não se dedicou ao comércio como era o desejo de seu pai, preferindo cultivar o talento literário que se manifestou deste muito cedo. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Georges Didi-Huberman** (1953): filósofo e historiador de arte francês. (Nota da **IHU On-Line**)

"As narrativas históricas convencionais costumam adotar dois modelos básicos e antagônicos: um atento sobretudo às continuidades, outro atento às rupturas. Na verdade, o que alguns objetos especiais nos demonstram — e a obra de Dante é um desses objetos — é que o modo dualista como pensamos habitualmente o tempo histórico não dá conta da complexidade aí em jogo"

tóricas, assim como a lingüística foi a ciência-piloto aos tempos do estruturalismo. Isto seria possível porque os objetos artísticos (entre eles, incluo os textos literários) são objetos temporalmente complexos, feitos a um só tempo de sobrevivências e de antecipações, constituídos pela absorção de imagens e formas do passado e pelo pressentimento de imagens e formas do porvir. Tudo isso ao mesmo tempo que testemunham, mais ou menos transfiguradamente, do seu presente. Toda obra descobre, rememora e sonha; vê, revê, prevê (quanto a isto, Dante é exemplar).

"Todo fenômeno histórico é feito de sobrevivências e antecipações"

Ao fazermos a história das obras, acabamos percebendo que apenas um modelo historiológico e historiográfico que contemple ao mesmo tempo as continuidades e as rupturas, as séries e as singularidades, respeita a natureza desses objetos especiais. E acontece que, na verdade, isto não é correto apenas em relação às obras artísticas ou literárias. Todo fenômeno histórico é feito de sobrevivências e antecipações: basicamente, está ligado ao que ocorreu antes, por um lado, e, por outro, ao que ocorreria depois. Sendo assim, procurei inicialmente, na tese, verificar como isso que chamamos de modernidade tem suas origens naquele momento que conhecemos pela denominação de Idade Média: a própria denominação *modernitas* é medieval. Para não me alongar mais, digo apenas que diversas das práticas e instituições que identificamos como modernas — da literatura em vernáculo à universidade, dos Estados burocráticos à urbanização crescente — são construções do século XII. Ou seja, do século anterior ao início da produção literária dantesca, que a tudo isso (e a muito mais) acaba respondendo criativamente. Mas, se olhamos diretamente para a *Vida nova*, o que eu quis ressaltar, ao dizer que nela se pode encontrar uma representação da irrupção do que seria a lírica moderna, foi a novidade que ela trouxe em relação aos modelos anteriores de lírica, que ela absorve, reprocessa e lança para o futuro. Na *Vida nova*, Dante cria uma forma literária até então inexiste, trabalhando a partir do modelo de uma forma que lhe vem da antigüidade, o *prosimetrum*, no qual trechos de prosa se alternam com poemas. A novidade de Dante – novidade afirmada no título do livro – foi escrever os trechos em prosa a partir de poemas que ele já tinha prontos, poemas escritos ao longo dos dez anos anteriores à composição da prosa. Ao assim agir, Dante não fez menos do que transformar o intervalo temporal entre a redação dos poemas e a redação da prosa num espaço para a irrupção e consolidação da consciência crítico-poética, propriamente autoral. A transformação do tempo em consciência é a grande novidade da *Vida nova*, e foi isto, sobretudo, que ela legou aos poetas que vieram depois, a começar por Petrarca, que conhecia muito bem os livros de Dante.

IHU On-Line - Um dos elementos mais característicos de Dante seria ele transformar, por vezes, fatos de sua vida em versos, como percebemos em sua análise da *Vida nova*. Como podemos avaliar o tratamento que ele dava à subjetividade? No que ela se difere, sendo Dante considerado um poeta moderno, por exemplo daquela de Mallarmé, com sua "ausência do eu"?

Eduardo Sterzi - É claro que quando dizemos que Dante pode ser considerado, em alguma medida, um poeta moderno e que Mallarmé pode ser considerado — também *em alguma medida* — um poeta moderno, o significado de "moderno" não é exatamente o mesmo para os dois. Mas o mesmo deveríamos constatar quanto ao uso do adjetivo "antigo" quando aplicado a Homero[12] e a, digamos, Catulo.[13] O erro é conceber seja a modernidade, seja a Antigüidade, ou ainda a Idade Média, como realidades fixas, quando na verdade se trata de realidades fundamentalmente dinâmicas ou instáveis, denominações que damos a vastos deslizamentos das idéias e das instituições, deslizamentos que muitas vezes abrangem ao mesmo tempo uma coisa e seu contrário. É neste sentido que, para mim, Dante e Mallarmé[14] surgem como dois autores polares para a modernidade poética:

12 **Homero**: primeiro grande poeta grego, que teria vivido há cerca de 3500 anos e consagrado o gênero épico com as suas grandiosas obras: *Ilíada* e *Odisséia*. Nada se sabe seguramente da sua existência; mas a crítica moderna inclina-se a crer que ele terá vivido no século VIII a. C., embora sem poder indicar onde nasceu nem confirmar a sua pobreza, cegueira e afã de viajante, caracteres que tradicionalmente lhe têm sido atribuídos. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Catulo** (84 a.C.–54 a.C.): poeta latino. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Stéphane Mallarmé** (1842-1898): poeta e crítico literário francês. Mallarmé destacou-se por uma literatura,em que se mostra ao mesmo tempo lúcida e obscura. É, por isso, considerado um poeta difícil e hermético. (Nota da ***IHU On-Line***)

o primeiro se situa no início de algo que terá no segundo o seu fim. Ou melhor dito, para preservar-se a complexidade e a pluralidade da história: Dante se situa *num dos inícios* de algo que terá no segundo *um de seus fins*. Este algo pode ser definido, ainda que de modo não de todo exato (sem o rigor conceitual que seria exigível), como *a inscrição da subjetividade na poesia*. Vale notar que o próprio Mallarmé parecia conceber sua posição histórico-poética de modo semelhante, ao dizer, com evidente intertexto dantesco, que a Destruição era sua Beatriz.

IHU On-Line – Em *Por que ler Dante*, você traça um detalhamento completo dos passos de Dante. Você parece discordar claramente de Harold Bloom,[15] para quem Beatriz seria mais uma criação de Dante, e de Auerbach,[16] para quem a *Vida nova*, por exemplo, seria imprestável para coletar dados da vida do poeta. Até que ponto, em sua opinião, a biografia continua sendo também uma ficção?

Eduardo Sterzi - No caso de Dante, dada a escassez de documentos que possam nos assegurar a respeito do que de fato se passou em sua vida, temos de nos contentar em confiar desconfiando, ou desconfiar confiando, no que o próprio Dante nos diz, se queremos conhecer algo sobre sua vida. Assim como também no que Boccaccio e outros biógrafos nos dizem. Sabemos que nesses textos autobiográficos e biográficos nem tudo é verdade, visto que às vezes há fatos discordantes ou obviamente falsos; mas não temos como saber se tudo, neles, é mentira – ou ficção. Tenho de dizer que justamente devido a essa carência de informação segura, não fiz, ao contrário do que a pergunta supõe, um "detalhamento completo" do percurso de Dante. Não teria como fazê-lo. Meu consolo é que mesmo os maiores especialistas em biografia dantesca também não teriam como chegar a mais que uma aproximação. Quanto a discordar de Bloom, também fico em dúvida se de fato há uma discordância fundamental, ou se se trata de uma questão de ênfase. Não nego que Beatriz seja, em alguma proporção, uma criação de Dante. Mas acho interessante, e relevantíssimo de um ponto de vista crítico, que Dante muito provavelmente tenha modelado a personagem Beatriz a partir de uma pessoa que existiu e com quem teve contato (ainda que desconheçamos a extensão e a profundidade desse contato). Para a estratégia discursiva de Bloom, era essencial ressaltar a livre criação de Dante, sua capacidade de criar como que *ex nihilo* uma figura tão pregnante. Para a minha estratégia discursiva (que, assim espero, é antes – como, de resto, a de Bloom — uma estratégia crítica), interessa salientar os procedimentos de transfiguração da vida em poesia, da experiência em texto, já que me importa cada vez mais antes a formação do texto (que continua mesmo depois da publicação, não nos enganemos) do que o texto formado de uma vez por todas, antes as possibilidades de desestabilização do texto do que seus protocolos de canonização.

> "Sabemos que nesses textos autobiográficos e biográficos nem tudo é verdade, visto que às vezes há fatos discordantes ou obviamente falsos; mas não temos como saber se tudo, neles, é mentira — ou ficção"

IHU On-Line - Você já deu cursos sobre a obra de Dante. Há alguns elementos determinados e mais destacáveis que levam os leitores a se interessar por essa obra há séculos?

Eduardo Sterzi - Os elementos que levam os leitores a se interessar por Dante são os mais variados, dependendo da formação e da personalidade de cada um, ou mesmo do período da vida em que esse interesse surge. Entre meus alunos e entre ouvintes de palestras que dei, costuma haver sobretudo a vontade de conhecer melhor uma obra sobre a qual muito se fala há tanto tempo. Mas há também descendentes de italianos que querem conhecer mais da cultura de seus antepassados, há pessoas mais jovens que ainda não leram Dante mas têm informações sobre sua obra a partir de adaptações ou referências cinematográficas, musicais ou gráficas (os quadrinistas têm uma compreensível atração por Dante — e isto desde Botticelli,[17] que, no Quatrocentos, produziu incríveis "quadrinhos" para ilustrar a *Comédia*). Certamente, esses não são os mesmos motivos que levaram leitores de outras épocas a se interessar por Dante. Mas não são menos legítimos. Aliás, uma das maravilhas da literatura e da arte é que elas ensejam relações fundadas na gratuidade e na liberdade: nenhum motivo que nos leve a uma obra é de fato legítimo; o que significa também que todos os motivos, à sua maneira, são legítimos.

Leia mais...

>> Eduardo Sterzi já deu outras contribuições à **IHU On-Line**:

* *"A origem da subjetividade e da lírica modernas"*. Entrevista ao sitio do Instituto Humanitas Unisinos (www.unisinos.br/ihu), em 18-10-2007.
* Poemas em Invenção, na edição 255, intitulada *"Violência intrafamiliar e de gênero"*, de 22-04-2008.

15 **Harold Bloom** (1930): professor e crítico literário norte-americano, especialista em Shakespeare e autor de obras como *O cânone ocidental* (Rio de Janeiro: Objetiva, 1995). (Nota da ***IHU On-Line***)

16 **Erich Auerbach** (1892-1957): crítico de literatura, autor de, entre outros livros, *Mímesis* e *Dante: o poeta do mundo secular*. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Sandro Botticelli** (1445-1510): foi um pintor italiano da Escola Florentina no começo do Renascimento. (Nota da **IHU On-Line**)

Invenção

Editoria de Poesia

Ricardo Aleixo

Por André Dick

Nascido em 1960, em Belo Horizonte (MG), o poeta Ricardo Aleixo vem se destacando no cenário da poesia desde sua estréia, com *Festim*. Logo em seguida, em seu livro *Orikis*, incluído em *A roda do mundo* (2. ed. Belo Horizonte: Segrac, 2004), publicado em parceria com Edimilson de Almeida Pereira, os poemas de Aleixo trazem figuras de religião africana. Em "Oxum", por exemplo, escreve: "Oxum é / velha / como a água, / velha / como a brisa. / Ela é a dona / do bronze". Ou em "Oxumaré": "Orixá que desenha / no céu curvo / o fimcomeço / de tudo. / Linha infinita / do segredo. / Claros silvos, / silêncio / de sete cores. / Olho preto. / Ele se eleva da terra / e a contorna. / Pai, mãe, / que eu não parta / sem dar / sete voltas / ao mundo".

Em *Trívio* (Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2001), influenciado pela poesia concreta, Aleixo realizou poemas visuais de relevo, nunca diluindo os experimentos de Augusto de Campos e Décio Pignatari, mas, sim, mostrando novas direções para o aproveitamento da palavra na página, em sua forma e presença, a exemplo de "Canção noturna do fim de Peixes", "Passagem", "Nota" e "Poética". Mostrando um verso sonoro, Aleixo procura concretizar o sonho do grupo Noigandres do concretismo também por mesclar o trabalho literário à música, unindo som, imagem e verbo. Nos poemas desse livro, ao mesmo tempo em que apresenta referências de cultura pop, de cinema, música e literatura, Aleixo mantém o caminho em que sai com perícia: dos poemas elípticos, que mantêm uma estrutura é que possível captar um discurso sensível. O seu olhar, experimentado por leituras, revela sempre uma síntese de conflitos modernos. Vejamos, por exemplo, quando ele procura especificar a violência que há contra o negro ainda na sociedade moderna, num belo poema visual (cujo espaçamento e organização na página não podem ser reproduzidos aqui), intitulado "Rondó da ronda noturna": "quanto + / pobre + / negro / quanto + / negro + / alvo /quanto + / alvo + / morto / quanto + / morto + / um". O "+" acaba simbolizando a cruz da morte e percebe-se que Aleixo utiliza a palavra "alvo" em dois sentidos: de o negro ser um "alvo" e de ele só ser visto como o "branco" ("alvo") quando morre, mesmo assim sendo apenas "+ um". Aleixo costuma deixar implícita sua crítica social, reconhecendo, antes de tudo, a importância da linguagem para expressar melhor suas idéias. Ou seja, parece sempre haver um conflito iminente em suas composições, mas que, ao mesmo tempo, procuram, por meio da inteligência, um outro lugar, que melhor reconsidere certas reflexões.

Em *Máquina zero* (Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2004), Aleixo trabalha mais poemas longos, como "Belorizonte" e "Como realmente é", na qual sintetiza o desespero do terrorismo moderno, com versos parecidos com uma notícia de jornal: "Os que vão morrer contam / o tempo que falta / / para a morte do terrorista / (melhor começarmos / / por subtrair-lhe o nome). / Segunda, onze de junho, / / 6:26 AM, horário brasileiro. Todos morreremos / / um pouco com Timothy McVeigh, / que, faz seis anos, em / / Oklahoma City, matou 168 pessoas / e feriu outras tantas, num atentado / / a bomba, quando a perna direita dele, / daqui a alguns instantes, / / receber a picada da serpe letal". Por sua vez, em "Exercício de lira maldizente", contesta estereótipos literários e quem aponta na obra alheia elementos de outras: "Se praticais sonetos — anacrônico. / Se pretendeis chocar — não paga o custo. / Se recriais Homero — macarrônico. / Se experimentais — cópia do Augusto".

Nesses poemas que ele envia à **IHU On-Line**, ele faz homenagens a duas figuras femininas de destaque. Em "As metades do corpo", relembra a poeta norte-americana Marianne Moore, que fez muitos poemas sobre animais (um dos temas do poema de Aleixo). Em "Elsie sings the", relembra da cantora, nascida no Brasil, Elsie Houston, que foi casada com o poeta surrealista Benjamin Péret, e amiga dos modernistas da Semana de 22, além de ter feito algum sucesso em Nova Iorque, cantando temas da tradição afrobrasileira. Aleixo, nesses poemas, como em toda a sua produção, lida com um verso elíptico, ágil, que se desenrola na página de forma efetivamente acessível ao leitor.

As metades do corpo

Marianne
Moore
apreciava animais

e atletas
em igual
escala. Motivo: o

"estilo"
das duas
espécies citadas

"é, prova
-velmente,
desleixado"; uns e

outros, dis
-se Miss
Moore numa entre

-vista,
alcançam a
"exatidão" devido

à prática
que "as
metades do corpo",

neles (nos
animais
e nos atletas que

possuem
um estilo),
adquiriram

"para se
contra
-balançarem".

Elsie sings the

Elsie morre no fim
: pílulas para dormir.

Mas a voz dela
miraculosamente

escapa
(se desenovela)

do corpo
sem vida dela

e se evola
(e se reenovela)

na forma
de um som

de cor
tão clarescura

e rara
(como a do *uirapuru*

no fundo da floresta
cantando só

para ninguém ouvir)
que escutá-la agora

é quase vê-la:
é habitá-la.

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 23-06-2008 a 28-06-2008.

Mudanças climáticas e o Brasil: conseqüências reais, soluções viáveis
Entrevista com Carlos Nobre
Confira nas Notícias do Dia 23-06-2008
Entender as mudanças climáticas e buscar soluções para as suas conseqüências no território brasileiro é a intenção do programa Rede-Clima. Nesta entrevista, é possível compreendermos como essa problemática está sendo trabalhada aqui no país.

Movimentos sociais e autonomia frente ao governo
Entrevista com Antonio Marcio Buainain
Confira nas Notícias do Dia 24-06-2008
O economista traça, nesta entrevista, um perfil da luta dos movimentos sociais pela terra. Para ele, os conflitos são inerentes ao avanço da democracia.

TV Digital: um mal-estar no ar
Entrevista com César Bolaño
Confira nas Notícias do Dia 25-06-2008
A TV Digital tem apenas seis meses de vida no Brasil, mas todas as promessas feitas em sua concepção não têm nem prazo para se efetivarem. O professor Bolaño fala, nesta entrevista, sobre as expectativas geradas em torno da novidade e do que falta para que possamos utilizá-las de fato.

Autonomia e diálogo. 1ª Conferência do Movimento Homossexual
Entrevista com Luiz Mott
Confira nas Notícias do dia 26-06-2008
"Nós esperamos que todas as centenas de propostas afirmativas feitas pelo movimento homossexual ao governo federal saiam do papel e em breve se tornem realidade, diminuindo o preconceito que ainda é muito forte no Brasil contra a população GLBT", afirma o antropólogo.

Por uma mídia livre, mas de qualidade
Entrevista com Ermanno Allegri
Confira nas Notícias do Dia 27-06-2008
Uma análise do 1º Fórum de Mídia Livre é o que faz o diretor executivo da Adital nesta entrevista. Para ele, por mais livre e colaborativa que esse novo meio venha a ser, a formação é fundamental para garantir a qualidade do trabalho desenvolvido.

China: duas moedas de um mesmo país
Entrevista com Nicolas Standaert
Confira nas Notícias do Dia 28-06-2008
Para o sinólogo belga, jesuíta, o desenvolvimento econômico da China é a grande contribuição cultural que o país traz para o mundo no momento em que lança um novo estilo, o "caminho chinês".

acesse

www.unisinos.br/ihu

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

UNISINOS

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Agenda da Semana

Confira os eventos dessa semana, realizados pelo IHU.
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu).

Dia 04-07-2008

De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias e perspectivas da Igreja Latino-Americana Módulo II:

14h às 16h - Contexto social, político, econômico e cultural de Puebla
Conferencista: Prof. Dr. Inácio Neutzling — Unisinos

16h30min às 18h30min: Nas pegadas de Medellín, as opções de Puebla
Conferencista: Prof. Dr. João Batista Libânio — FAJE/BH

19h30min às 22h: Testemunhos de Fé: Exibição do filme: *Ato de fé* (Alexandre Rampazzo, 2004, Documentário, 55min.).
Debatedor: Prof. Dr. João Batista Libânio — FAJE/BH
Local do Módulo II: Auditório Erico Verissimo/Unisinos — Centro 3

Dia 04-07-2008

Simpósio Internacional de Teologia Pública na América Latina

09h - Abertura solene: Prof. Dr. Oneide Bobsin, Reitor da Faculdades EST
Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, Reitor da Unisinos
Prof. Dr. Inácio Neutzling, Diretor do Instituto Humanitas, Unisinos
Prof. Dr. Rudolf von Sinner, Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da Faculdades EST.

10h - Prof. Dr. Max Stackhouse, Princeton:
"Civil Society, Public Theology and the Ethical Shape of Polity in a Global Era" [Sociedade Civil, Teologia Pública e a Forma Ética da Política numa Era Global] (com tradução simultânea)

14h - Comunicações (responsável: MS Antonio Carlos Teles da Silva, EST)
16h-18h - Mesa-redonda: Teologia e Sociedade
Prof. Dr. Nico Koopman, Stellenbosch/África do Sul
Profa. Dra. Elaine G. Neuenfeldt, EST
Prof. Dr. Valério G. Schaper, EST
Moderação: Prof. Dr. Rudolf von Sinner, EST

19h30min - Conferências: Teologia e Sociedade
Profa. Dra. Paula Montero, USP-SP
Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PUC-RS.
O evento, realizado pelas Faculdades EST — Escola Superior de Teologia, em parceria com o Instituto Humanitas Unisinos — IHU, segue até o dia 07-07-2008.
Local: Faculdades EST

Nas pegadas de Medellín, as opções de Puebla

Para João Batista Libânio, o compromisso com a modernidade subalterna traduziu-se na opção pelos pobres, por uma Igreja da libertação, por uma sociedade justa, fraterna e solidária

Por Bruna Quadros

"Nas pegadas de Medellín, as opções de Puebla" é o tema da conferência que será realizada no dia 04 de julho, durante o segundo módulo do Curso de Extensão *De Medellín a Aparecida: marcos, trajetórias e perspectivas da Igreja Latino-Americana*. O evento, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos — IHU, terá o teólogo João Batista Libânio como palestrante. Em entrevista concedida por e-mail à revista **IHU On-Line**, ele comenta que, por meio da opção pelos pobres, Puebla vinculou-se estreitamente a Medellín, "de tal maneira que no imaginário religioso do Continente se forjou o binômio Medellín-Puebla como se fosse uma única perspectiva eclesial". Para Libânio, a grande contribuição da Conferência Episcopal de Puebla é a consigna da libertação dos pobres, além da descrição crítico-social da realidade e uma série de decisões pastorais de compromisso. "Puebla carrega dentro de si, portanto, certa ambivalência, que corresponde ao momento histórico da Igreja naqueles anos. Já se pressentia o início da volta à disciplina em oposição à opção de avançar, arriscar, comprometer-se com a transformação da realidade eclesial e social", ressalta o teólogo.

Licenciado em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, em Letras Neolatinas, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em Teologia, pela Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha, João Batista Libânio é, também, mestre e doutor em Teologia, tendo cursado o seu Doutorado na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma. Atualmente, Libânio leciona Teologia no Instituto Santo Inácio de Belo Horizonte. É autor de *Teologia da revelação a partir da Modernidade* (São Paulo: Loyola, 2005), *Eu creio — Nós cremos. Tratado da fé* (São Paulo: Loyola, 2005); *Qual o caminho entre o crer e o amar?* (São Paulo: Paulus, 2005) e *Introdução à vida intelectual* (São Paulo: Loyola, 2006).

IHU On-Line - Como o senhor avalia a importância da Conferência de Puebla para a Igreja na América Latina? Quais são as opções de Puebla, ao seguir as pegadas de Medellín? Que relações podemos estabelecer entre esta e outras como a de Medellín, Aparecida e Santo Domingo?

João Batista Libânio - Um evento da magnitude de Puebla adquire importância sob vários aspectos. O próprio fato da Conferência em que os bispos rezaram, discutiram e decidiram juntos reflete o momento colegial. Apesar de o Concílio Vaticano II ter tratado da colegialidade, na realidade, os bispos exercem relativamente pouco, tal a dimensão de seu ministério. Aliás, a Igreja do Brasil caminha na frente sob esse aspecto, desde a década de 1950, quando se constituiu a CNBB[1] como órgão oficial da Igreja Católica. Mas, em nível latino-americano, as Conferências são momentos privilegiados de colegialidade. Puebla foi a terceira Conferência Geral. Naquela época, vivia-se forte tensão no interior da Igreja com nítida campanha contra a assim dita "Igreja da libertação", caracterizada pelas CEBs, pela opção pelos pobres, por uma vida religiosa inserida nos meios populares, por uma pastoral

1 **CNBB** (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil): fundada em 1952, é a instituição eclesial que congrega todos os bispos que, em comunhão com a Santa Sé, exercem um ministério pastoral no Brasil e/ou têm domicílio canônico no país. (Nota da **IHU On-Line**)

comprometida com os movimentos sociais e alimentada pela Teologia da Libertação[2]. Tal visão e prática eclesial apelava para as opções de Medellín[3]. Pretendia-se, com Puebla revertê-la, considerada pela ala conservadora como deturpação. Achava-se que a opção pelos pobres era uma infiltração marxista, politização da fé, ideologização do evangelho. No entanto, com pequenos retoques adjetivados, Puebla reafirma solenemente a opção pelos pobres. Esta foi a grande opção, seguida pela opção pelos jovens, que, no entanto, não vingou. Por meio dessa opção pelos pobres, Puebla vinculou-se estreitamente a Medellín, de tal maneira que no imaginário religioso do Continente se forjou o binômio Medellín-Puebla como se fosse uma única perspectiva eclesial. Santo Domingo conseguiu o que Medellín não o fez. Distanciou-se do ideário libertador anterior, afastou-se do método ver-julgar-agir e centrou a reflexão na cultura e não na análise e transformação da realidade social. No entanto, trouxe um aspecto importante que já vinha sendo tratado pela Teologia da Libertação: a inculturação. Embora Medellín não tenha tratado diretamente dela, contudo ela insere-se perfeitamente no espírito de Medellín. Aparecida retoma, embora de maneira matizada, o método ver-julgar-agir, ligando-se assim à tradição da Teologia da Libertação. E depois da clara posição de Bento XVI a respeito da opção pelos pobres, Aparecia reafirma-a de maneira contundente.

IHU On-Line - Além de uma mudança na Igreja, qual é o reflexo da Conferência de Puebla, dentro de um contexto cultural e social?

João Batista Libânio - Ainda pesava sobre o Continente, nos idos de Puebla, forte repressão por parte dos regimes militares. A tomada de posição da Igreja Católica, em alguns países, legitimou a crescente oposição a eles até o seu desmantelamento no correr da década de 1980. Puebla carregou as tintas na análise crítica da situação sociopolítica, econômica e cultural, desmascarando as injustiças do sistema vigente nos diferentes níveis. A simples descrição do quadro e as conseqüentes opções pastorais significavam a deslegitimação política dos regimes vigentes. As forças de oposição encontraram no documento final apoio para suas reivindicações e lutas. Embora tenha havido alguns piques de repressão depois de Puebla, seguiu-se, porém, lenta e gradual demolição dos governos militares ditatoriais. No Brasil, a Igreja Católica teve certamente papel decisivo na abertura política e no fim do regime de arbítrio. Ela constituía uma das forças de oposição à tortura, ao AI-5, às incursões dos órgãos de repressão, às medidas discricionárias do Estado autoritário. Sofreu perseguição por causa de tal ousadia profética, mas, ao mesmo tempo, adquiriu credibilidade diante das forças democráticas em reagrupamento. E Medellín-Puebla serviu como repositório inspirador de libertação.

IHU On-Line - Qual é a influência do Concílio Vaticano II para a Conferência de Puebla? Contribuiu positiva ou negativamente, e em que sentido?

João Batista Libânio - Sem o Concílio Vaticano, a rápida transformação por que passou a Igreja se torna ininteligível. Ele desencadeou um conjunto de aberturas que permitiu Medellín, Puebla e o que veio depois. Os pontos fortes eclesiológicos de Puebla se nutriram da Constituição sobre a Igreja *Lumen Gentium*[4] e da Constituição Pastoral *Gaudium et spes*[5]. A primeira ofereceu o suporte para a colegialidade episcopal e valorizou o magistério dos bispos. Ao reunirem-se em Puebla, eles estavam conscientes de que exerciam um direito fundamental de pensar, discutir e decidir sobre a vida das igrejas particulares do Continente, sem necessariamente esperar a iniciativa de Roma. Antes do Vaticano II, as instâncias romanas tomavam a frente das decisões sobre os países de missão. Os limites das igrejas particulares eram traçados pelos dicastérios romanos sob a bênção do Papa. Medellín, que foi pensada por Paulo VI como simples aplicação do Vaticano II à América Latina, terminou sendo recepção criativa. E Puebla seguiu tal caminho, embora naturalmente ainda tivessem pesado muito tanto os discursos de João Paulo II como a presença de representantes do Vaticano na Conferência. No entanto, na esteira colegial da *Lumen gentium*, os bispos latino-americanos ousaram. A *Gaudium spes*, por sua vez, abriu o campo para os compromissos sociais. A coragem do Vaticano II de enfrentar o diálogo com o mundo moderno, ainda que sob seu aspecto de modernidade centro-européia, permitiu que se fizesse o mesmo na modernidade dependente, periférica da América Latina. O compromisso com a modernidade subalterna traduziu-se na opção pelos pobres, por uma Igreja

2 **Teologia da Libertação**: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Ela surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutierres é um dos primeiros que propõe esta teologia. A Teologia da Libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema, confira a edição 214 da **IHU On-Line,** de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Confira a edição número 39 dos **Cadernos Teologia Pública**, publicada em 16-06-2008, sob o título "Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois". Sobre o tema, confira, ainda a entrevista "A herança de Medellín"com o teólogo Joseph Comblin, publicada na edição 261 da revista **IHU On-Line** de 09-06-2008, cujo tema de capa foi *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*; e no sítio do IHU a entrevista "Uma vida na América Latina a serviço da libertação", de 18-06-2008. O conteúdo pode ser acessado em www.unisinos.br/ihu. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Lumen Gentium**, (*Luz dos Povos*): é um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II. O texto desta Constituição dogmática foi demoradamente discutido durante a segunda sessão do Concílio. O seu tema é a Igreja, enquanto instituição. Foi objeto de muitas modificações e emendas, como, aliás, todos os documentos aprovados. Inicialmente surgiram, para o texto base, cerca de 4.000 emendas. Sobre o tema, confira os **Cadernos Teologia Pública** número 4, intitulado *No quarentenário da Lumen Gentium*. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Gaudium et Spes**: a 4ª das Constituições pastorais do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento muitíssimo importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica "de dentro" (debruçada sobre si mesma) "para fora" (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso "esquema 13", assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 157 da **IHU On-Line**, de 26-09-2005, intitulada "Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos". (Nota da **IHU On-Line**)

da libertação, por uma sociedade justa, fraterna e solidária.

IHU On-Line - O senhor afirma que a organização da Conferência conseguiu vetar todos os teólogos da libertação de maneira que no nível de assessores não havia representantes da linha de Medellín. Há um confronto nas linhas de pensamento entre Puebla e Medellín? Não há, também, uma contradição, tendo em vista os objetivos de ambas as conferências?

João Batista Libânio - Em nível de assessores, há enorme distância entre Medellín e Puebla. Lá estava a nata da nascente Teologia da Libertação dentro da Conferência participando da elaboração dos textos. Em Puebla, coube aos teólogos da libertação participar somente *extra muros* à guisa de assessores privados de alguns bispos. Mesmo assim, tiveram certa influência. A linha teológica predominante em Puebla se opunha, nos traços principais, à Teologia da Libertação. No entanto, a temática da libertação invadiu o texto. Em grande parte, por causa dos discursos contundentes de João Paulo II ao longo de sua viagem pelo México. Enquanto os bispos, enclausurados no Seminário de Puebla, deliberavam, João Paulo II percorria o México e entrava em contacto com a dura realidade social. E a partir daí fez declarações corajosas que terminaram recheando o texto de Puebla com mais de 100 citações. Em nível de análise e de programática, Puebla aproximou-se de Medellín. A parte teológica do documento se distancia de Medellín mais na letra do que no espírito. Pois Medellín não se deteve em longas reflexões teológicas, enquanto Puebla produziu um longo discurso teológico irrelevante e sem mordência de tal maneira que ninguém o compulsa. Os objetivos prévios de Medellín e Puebla foram diferentes, naturalmente. Puebla se propunha repensar o trajeto da Igreja depois de Medellín nos dez anos de caminhada. A proposta de setores na direção da Conferência visava, de preferência, a reverter o processo libertador e trazê-lo para dentro de quadro espiritual, doutrinal, menos comprometido com a perspectiva libertadora. O nó da questão girava, sobretudo, em relação à ênfase que se dava na Igreja da libertação à práxis, à pedagogia libertadora, à vida religiosa inserida no meio dos pobres, às comunidades eclesiais de base, à teologia que partia e terminava na práxis. Na teologia do documento, tal retorno aparece, mas ele não teve nenhuma influência. Ficaram de Puebla a consigna da libertação dos pobres, a descrição crítico-social da realidade e uma série de decisões pastorais de compromisso. Puebla carrega dentro de si, portanto, certa ambivalência, que corresponde ao momento histórico da Igreja naqueles anos. Já se pressentia o início da volta à disciplina em oposição à opção de avançar, arriscar, comprometer-se com a transformação da realidade eclesial e social.

IHU On-Line - Em seus estudos, o senhor lança uma questão: "Há quase 30 anos de Puebla, que balanço fazer"? Como o senhor responderia a tal indagação?

João Batista Libânio - Distingo, de início, o documento e o evento com sua aura simbólica. O documento está aí para estudos. Poucos se interessam por fazê-lo. Repetem-se frases feitas. De fato, logo depois de Puebla se escreveram livros e artigos, se pronunciaram conferências, se organizaram cursos e discussões em grupo e outras formas de estudo para assimilar os ensinamentos dos bispos. Entretanto, o tempo decantou toda essa parafernália de escritos, deixando-nos a água pura evangélica e de valor pastoral. A imensa massa de ingredientes conflituosos, inseridos no documento por interesses ideológicos ou reflexos de medos, diluiu-se e se perdeu. Que ficou? O melhor da teologia latino-americana, a pastoral viva e as comunidades de base conseguiram construir o imaginário religioso social com a díade Medellín-Puebla como se fosse uma única opção. Ao fazê-lo, associaram a ambas as conferências a opção pelos pobres, pela libertação, pelas CEBs, por uma Igreja dos pobres. Dificilmente, alguém, ao ouvir falar de Medellín-Puebla, associa a tais eventos a idéia de restrição, de medo, de volta à disciplina, de encurtamento de visão. Antes, tudo ao contrário, embora no texto de Puebla haja muitas reservas e se vivesse momento de enorme tensão com a crescente presença de forças conservadoras na Igreja. Hoje, a tendência restauracionista se fez mais clara, em nítido afastamento do binômio Medellín-Puebla, ao alimentar movimentos espiritualistas alinhados com o centralismo romano.

Saiba Mais...

A I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se no Rio de Janeiro de 25 de julho a 4 de agosto de 1955, no Colégio Sacré Coeur. A reunião eclesial fora convocada por iniciativa direta da Santa Sé. O organismo responsável por auxiliar o Vaticano na preparação do evento foi a CNBB, que havia sido criada em 1952 e teve como seu primeiro secretário, nesse período, Dom Hélder Câmara.

A II Conferência Geral foi realizada em Medellín, na Colômbia, no ano de 1968. A conferência de Medellín teve para a Igreja da América Latina quase que o significado que o concílio teve para toda a Igreja. Nela, foram traçados os pilares de uma identidade própria de Igreja latino-americana, encarnada nesta realidade e assumindo os seus desafios. A conferência de Medellín foi uma conferência de propostas, de esperanças, de confiança de que é possível uma igreja com identidade própria, assumindo os desafios desta realidade e contribuindo para que ela seja transformada.

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Puebla de los Angeles no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Puebla teve como preocupação básica: o que é evangelizar, hoje e amanhã, na América Latina? A missão fundamental da Igreja é evangelizar, hoje, aqui, de olhos abertos para o futuro.

A IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizou-se em Santo Domingo, na República Dominicana, no período de 12 a 28 de outubro de 1992. João Paulo II a convocou oficialmente no dia 12 de dezembro de 1990, estabelecendo como tema "Nova evangelização, Promoção humana, Cultura cristã", sob o lema "Jesus Cristo ontem, hoje e sempre".

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, ou Conferência de Aparecida, foi inaugurada pelo Papa Bento XVI, em Aparecida, no dia 13 de maio e encerrou no dia 31 de maio de 2007.O tema da V Conferência foi: "Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida", inspirado na passagem do Evangelho de João que narra "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida".

Leia mais...

>> Confira outras entrevistas concedidas por João Batista Libânio. Acesse nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu).

Entrevistas:

* *"Aparecida significou quase uma surpresa"*, de 17-06-2007;
* *Teologia da Libertação*. Edição 214, 02-04-2007, intitulada *"Teologia da Libertação"*;
* *"Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento"*, artigo publicado nos **Cadernos Teologia Pública** número 16, de 2005;
* *Teologia, pós-modernidade e universidade*. Edição 103, de 31-05-2004, intitulada *O lugar da teologia na universidade do século XXI em debate*.
* *O olhar teológico sobre a paternidade*. Edição 150, de 08-08-2005 intitulada *O pai desautorizado: desafios da paternidade contemporânea*.

Perfil Popular

Miguel Nunes e Silva

Por Bruna Quadros

Foto Bruna Quadros

Ele bem que poderia ter optado por ficar em casa, depois de anos de trabalho. Mas Miguel Nunes e Silva, o Perfil Popular desta semana, parece esquecer que tem 68 anos de idade. Coordena, e com muita dedicação, a Associação dos Artesãos da Feitoria, criada em 2005. Em visita à redação da revista **IHU On-Line**, ele contou o que impulsionou este trabalho. "Queríamos mudar a imagem da Feitoria, até então, reduto dos marginais. Queríamos fazer uma Feitoria-arte." Sobre a política do país, Miguel afirmou estar contente com o trabalho que está sendo desenvolvido, mas ainda espera mais do presidente Lula.

A seguir, conheça um pouco mais da história de Miguel:

Nascido em Alegrete, no interior do Rio Grande do Sul, Miguel Nunes e Silva é de uma família de agricultores. Primogênito, entre sete irmãos, ele relembra dos valores que seus pais lhe passaram e da infância, marcada pela simplicidade e dignidade. "Não tivemos uma infância como se vê nos dias de hoje. Tivemos muitas dificuldades, mas era uma infância boa. Meu pai e minha mãe eram pessoas bem formadas, não com instruções, mas com o sentimento de criar os filhos para o bem."

Seu pai faleceu no dia em que sua irmã mais nova estava completando um ano de vida. A partir deste momento, sua mãe passou a tomar conta dos filhos sozinha. "Quando eu estava com dez anos, ela veio para Porto Alegre. Em Alegrete, ela não via perspectivas de vida, porque a cidade ainda não estava em desenvolvimento." Miguel conta que, além de não haver condições de trabalho, sua mãe temia que os filhos caíssem na marginalidade. "Diante da necessidade da mudança e com sete filhos, minha mãe ficou com os menores e colocou os outros em colégios para poder dar continuidade à vida. Eu fui estudar em um colégio interno em Santa Maria." Lá, Miguel ficou durante quatro anos, retornando a Porto Alegre para dar continuidade aos estudos, que foram prioridade. "Só não continuei por falta de dinheiro. Mas cheguei a me preparar para prestar vestibular para o curso de Direito, na PUCRS."

Outra tentativa de ingressar no ensino superior foi aos 32 anos de idade, em Minas Gerais, quando trabalhou em uma gráfica. "Prestei vestibular para o curso de Medicina e tive a felicidade de passar." Mas a vivência longe do seu estado-natal durou pouco. Miguel, que se mudou para outro estado por causa de um namoro, acabou retornando ao Rio Grande do Sul pela saudade do convívio familiar. "O gaúcho é muito apegado a sua terra. É um cordão umbilical que a gente não consegue cortar com o Estado. Com isso, vim embora." Foi pelo mesmo motivo que Miguel não se adaptou à vida em São Paulo, onde passou um ano trabalhando em uma operadora de turismo. Na sua trajetória profissional, Miguel também trabalhou com vendas e no escritório da Associação dos Funcionários do DAER. "Mas o dinheiro era pouco e comecei a procurar outros meios de vida. No retorno

Fotos Arquivo Pessoal

de Minas Gerais, comecei a trabalhar como autônomo, na venda de calçados. E foi nesta profissão que me aposentei."

Artesanato

Casado com Elza há 23 anos, foi através da profissão da esposa que Miguel viu uma alternativa para não parar no tempo, depois da aposentadoria: o trabalho com artesanato. "Minha esposa tem salão de beleza, e muitas clientes que faziam artesanato vendiam o que era produzido entre amigos. A partir disso, tivemos a idéia de fazer um brique, na Avenida Integração, em São Leopoldo." Em abril de 2004, foi realizada a primeira exposição de trabalhos artesanais. Desde então, a atividade passou a ser levada a sério. "Queríamos mudar a imagem da Feitoria, até então, reduto dos marginais. Queríamos fazer uma Feitoria-arte." Miguel afirma que algumas pessoas desistiram, porque a venda do artesanato não é constante. Foi em 2005 que nasceu a Associação dos Artesãos da Feitoria. "Hoje, o grupo está em pleno sucesso. A Associação já abrigou, entre ativos e inativos, quase 400 pessoas. Mas muitas delas encontraram emprego, no meio do caminho. Hoje, há 38 pessoas que produzem artesanatos variados, produtos alimentícios, reciclagem, tecelagem."

Na Associação, Miguel não cuida apenas da parte administrativa. Ele também coloca a mão na massa. "Trabalho com a parte da alimentação, produzindo doces em compotas e salgadinhos para festas." Para ele, que já tem experiência no trabalho e na vida, este trabalho representa um pouco da contribuição que ele pode dar. "Não é uma vaidade falar isso, mas é a experiência que tenho de aglutinar as pessoas, expor as idéias e querer construir alguma coisa que venha a se efetivar, em São Leopoldo." Segundo ele, embora haja as feiras populares, São Leopoldo ainda não tem um espaço que seja definitivo para o artesanato. "Não sei como seria a minha vida sem este trabalho, que é muito significativo, diante do que eu posso realizar, não para mim, mas para os artesãos do grupo."

Aos 68 anos de idade, Miguel ainda não pensa em parar de trabalhar. Mais do que isso: ele sonha em ver os seus esforços dando resultados cada vez mais positivos. "Já tenho a minha casa, minha esposa ainda trabalha. Temos uma vida boa, que não nos falta nada. Acho que nada melhor do que dar um pouco do que já recebemos." Nos momentos de folga, que não são muitos, devido ao trabalho na Associação, há duas coisas das quais Miguel não abre mão: "mexer na terra e ler." Além disso, uma tradição do estado não pode faltar. "Também gosto de sentar com os amigos e a minha esposa para tomar chimarrão."

Religiosidade e política

"Sou um pouco eclético. Comecei com o ensino religioso católico, no colégio de Santa Maria. Uma escola agrícola, fundamentalmente dirigida por padres. Quando a gente é criança, não tem uma idéia formada de Deus. É como se fosse olhar para uma estrela." Assim, Miguel descreve a sua religiosidade. Com o tempo, ele foi conhecendo outras filosofias e se interessando pelas coisas boas que estas podem proporcionar. "Aos poucos, fui abandonando o catolicismo, mas não esquecendo o fundamental: que Deus é o criador." Miguel, que não costuma freqüentar missas ou encontros religiosos, afirma que sua religiosidade é interior. "Apenas eu e o criador. Continuo fazendo estudos da obra de Allan Kardec, a qual parece ter consolidado tudo o que eu já trazia de conhecimentos do catolicismo e eliminando algumas coisas que me pareciam fantasiosas." Para ele, o ser humano, fundamentalmente, é religioso, mesmo que diga que não acredita em nada. Além da fé, é com esperança que Miguel acredita em um Brasil melhor. "Estou contente com o que vem sendo desenvolvido, mas ainda espero muito mais do presidente Lula, de algumas políticas que não estão concretizadas."

IHU Repórter

Walter Andrey Fontana

Por Bruna Quadros, Márcia Junges e Moisés Sbardelotto

Foto Bruna Quadros

Das brincadeiras de criança, construindo brinquedos de madeira, o engenheiro mecânico Walter Andrey Fontana, professor da Unisinos, desenvolveu os dons que hoje aplica em sua profissão. Bem-humorado e apegado à família, ele reconhece a importância de se ter uma base humanística na formação. Estudante do doutorado em Engenharia Metalúrgica da UFRGS, até hoje cultiva seu maior interesse: a aviação.

Origens – Nasci em São Leopoldo e tenho 34 anos. Minha mãe é de Farroupilha, e meu pai, de Bento Gonçalves. Meus avós maternos eram agricultores. Por parte de pai, meu avô era professor dessas escolas de interior. Uma coisa engraçada é que eu fiquei sabendo só depois de muitos anos que o meu avô estudou aqui com os jesuítas, no Colégio Cristo Rei, e o Pe. Reus foi um dos professores dele. Tenho uma irmã mais nova, que é professora de Letras em Curitiba, formada aqui pela Unisinos.

Infância – A infância foi boa, muito produtiva. Eu tive de criar muito. E hoje vejo que ela foi determinante para chegar à profissão que escolhi, porque sempre tive um sonho grande, que estava vinculado à Engenharia. Quando fiz 18 anos, estava cursando o técnico e fui convidado para trabalhar aqui. Comecei como estagiário.

Gosto pela aviação – Morávamos ao lado esquerdo do aeroclube, em São Leopoldo. Naquela época, a BR-116 era como um muro intransponível, não se podia passar. E eu só via os aviões de longe. Aquilo foi maturando meu sonho. Lembro-me que certa vez pedi para o meu pai comprar para umas coleções de livros de aviões de guerra, de combate. Eu tinha uns oito ou nove anos. Então, ele foi para São Paulo e trouxe dois livrinhos, que li várias vezes. Até hoje, eu lembro das figurinhas. Eram sobre a guerra do Afeganistão, as aeronaves da época. Pareciam uma revista, mas eu não os tenho mais. Quando eu tinha 10 anos, minha mãe comprou um conjunto de quatro livros chamado *Como funciona: Todos os segredos da tecnologia moderna*. Neles, que tenho até hoje, havia de tudo, desde como funcionava uma batedeira até uma bomba atômica. Vivíamos em um chalé de madeira, simples. Lembro que minha mãe plantava umas folhagens em volta. E eu dizia para ela: "Por que precisa ter essas plantas ao redor da casa?". Isso porque precisava cortar a grama. E ela respondeu: "Isso é porque eu gosto de ouvir o barulho da chuva". Mas não era por isso. Era para tampar os buracos da casa (risos).

Educação – Quando tinha 14 anos, percebi que tinha várias opções. Mas, quando chegasse aos 18, precisaria trabalhar. Então, alguém disse para eu fazer um curso profissional. Havia o Senai, a Fundação Liberato e o Cetemp. Fiz prova para o Senai, que era muito atraente para a época, e para a Liberato, onde passei em quinto lugar. Sempre digo que uma das melhores coisas que eu fiz foi ter feito curso técnico em mecânica.

Formação superior – Sou graduado pela Unisinos. Comecei como estagiário de